

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO FRATERNA NA VINCULAÇÃO AOS PAIS E AOS
PARES EM RAPAZES PRÉ-ADOLESCENTES

Pedro Alexandre Guedes Peralta

12145

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO FRATERNA NA VINCULAÇÃO AOS PAIS E AOS
PARES EM RAPAZES PRÉ-ADOLESCENTES

Pedro Alexandre Guedes Peralta

Dissertação orientada por Prof. Doutora Ângela Vila-Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Ângela Vila-Real, pela orientação, paciência e confiança e sem a qual este trabalho não se realizaria.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e sempre acreditaram nas minhas capacidades.
Ao meu irmão, pelo laço fraterno e por ser adolescente.

A todos aqueles que participaram neste estudo, incluindo alunos, professores e directores das escolas participantes neste estudo.

Aos amigos, pelo incentivo e confiança dada, quando mais nada parecia ajudar.

A todos aqueles que de uma forma ou outra influenciaram este trabalho.

Resumo

O presente trabalho de investigação visa avaliar a influência de ser filho único ou de ser irmão na vinculação às figuras parentais e aos pares em rapazes pré-adolescentes. Partindo da teoria da vinculação de Bowlby realizámos um estudo comparativo, de metodologia quantitativa, para o qual foram constituídos dois grupos de pré-adolescentes entre os 12 e os 14 anos: o grupo dos filhos únicos com 53 sujeitos e o grupo dos rapazes irmãos, com 131 sujeitos. Para testar as hipóteses colocadas, foi utilizado o IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) de Armsden e Greenberg (1987), numa versão adaptada para português. A amostra foi recolhida em duas escolas do concelho de Sintra. Os resultados obtidos não permitiram confirmar as hipóteses colocadas, mas constatámos que o processo de individuação em relação aos pais acontece de forma divergente entre o grupo dos filhos únicos e o grupo dos rapazes com irmãos.

Palavras-chave: vinculação, pré-adolescência, irmãos, segundo processo de individuação

Abstract

The present investigation work aims to evaluate the influence of being an only child or to have siblings in the attachment to the parental figures and the peers of early adolescent boys. Starting on the theory of Bowlby about attachment, we carried through a comparative study, of quantitative methodology, for which two groups of early adolescents between 12 and 14 years old had been constituted: the group of the only children with 53 subjects and the group of youngsters with siblings with 131 subjects. To test the hypotheses placed, was used the IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) of Armsden and Greenberg (1987), in a portuguese adapted version. The sample was collected in two schools in Sintra. The achieved results didn't allowed to confirm the placed hypotheses, but we evidenced that the process of individuation in relation to parents happens in a different way between the group of only children and the group of youngsters with siblings.

Key-words: attachment, early adolescence, siblings, second individuation process

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1. Enquadramento teórico	
1.1. Vinculação.....	3
1.2. Pré-adolescência	7
1.2.1. Vinculação na adolescência	11
1.3. Ser filho único ou ser irmão.....	13
1.4. Formulação do problema	17
Capítulo 2. Método	
Hipóteses.....	19
Delineamento do estudo.....	19
Amostra.....	19
Instrumento.....	20
Procedimento.....	26
Capítulo 3. Apresentação dos resultados	29
Capítulo 4. Discussão dos resultados.....	47
Capítulo 5. Conclusão.....	51
Capítulo 6. Referências Bibliográficas.....	53
Anexos	
Anexo A – IPPA	58
Anexo B – Folha de caracterização do sujeito.....	66
Anexo C – Carta de consentimento informado.....	68
Anexo D – Teste da normalidade.....	70
Anexo E – Estatística de teste.....	78

Lista de Tabelas

Tabela 1: Distribuição da amostra.....	20
Tabela 2: Tabela demonstrativa da esquematização do IPPA.....	22
Tabela 3: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação à mãe.....	29
Tabela 4: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação ao pai.....	30
Tabela 5: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação aos pares.....	31
Tabela 6: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação à mãe.....	32
Tabela 7: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação ao pai.....	33
Tabela 8: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação aos pares.....	35
Tabela 9: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação à mãe.....	36
Tabela 10: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação ao pai.....	37
Tabela 11: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação aos pares.....	38
Tabela 12: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 12 anos.....	39
Tabela 13: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 13 anos.....	40
Tabela 14: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 14 anos.....	42
Tabela 15: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos com 12 anos.....	43
Tabela 16: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos com 13 anos.....	44
Tabela 17: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos com 14 anos.....	45

Lista de Figuras

Figura 1: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas à mãe.....	29
Figura 2: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas ao pai.....	30
Figura 3: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas aos pares.....	31
Figura 4: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas à mãe.....	32
Figura 5: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas ao pai.....	34
Figura 6: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas aos pares.....	35
Figura 7: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas à mãe.....	36
Figura 8: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas ao pai.....	37
Figura 9: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas aos pares.....	38

Figura 10: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas à mãe.....	40
Figura 11: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas ao pai.....	41
Figura 12: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas aos pares.....	42
Figura 13: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas à mãe.....	43
Figura 14: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas ao pai.....	44
Figura 15: Valores médios do IPPA nas dimensões relativas aos pares.....	45

Introdução

Com a realização deste trabalho, pretende-se avaliar a influência da relação fraterna na vinculação aos pais e aos pares, durante o período pré-adolescente.

Desta forma, partimos da teoria de Bowlby sobre a vinculação, principalmente dos conceitos de confiança, segurança emocional e sensibilidade, que permitem à criança explorar o meio.

Tendo em conta também as teorias sobre a adolescência de autores como Blos (1962, 1967) e Fleming (1993) verificámos que na pré-adolescência, a vinculação às figuras parentais começa a sofrer alterações, pois o adolescente vai-se distanciando e tornando cada vez mais autónomo e individuado em relação aos pais.

Assim ao longo da adolescência a vinculação aos pais vai diminuindo, mas estes continuam a desempenhar o papel de figuras de apoio e quanto mais confiança o adolescente tiver nos progenitores, mais facilmente o movimento de autonomia em relação a estes se realizará.

Associámos a experiência fraterna à vinculação e à pré-adolescência pois acreditamos que o facto de ser filho único ou de ser irmão é importante e influencia o desenvolvimento ao longo da vida e a aquisição de competências relacionais, mas sobretudo pelo facto da relação fraterna se constituir como um forte apoio afectivo, podendo estabelecer-se como o vínculo mais importante a seguir ao vínculo às figuras parentais.

Para este efeito procedemos à execução de um estudo comparativo entre rapazes filhos únicos e rapazes irmãos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos.

Na recolha dos dados utilizou-se o IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) na sua totalidade. Com o uso deste instrumento pretende-se ter acesso à vinculação aos pais e aos pares de uma forma global e às diferentes dimensões que a constituem: confiança, comunicação e alienação.

Relativamente à estrutura do trabalho será feita uma compreensão teórica relativamente à vinculação, ao período pré-adolescente e à situação de se ser filho único ou de se ser irmão. Será também elaborado o problema que sustente a investigação.

Em seguida serão estabelecidas as hipóteses e a metodologia utilizada bem como o procedimento seguido.

No capítulo seguinte, são expostos os resultados obtidos pela investigação, e em seguida será feita uma discussão dos dados alcançados com base nas teorias e ideias apresentadas.

Para finalizar será feita uma síntese do trabalho e uma apresentação das limitações do trabalho bem como de sugestões para investigações futuras.

Capítulo 1

1.1. Vinculação

O vínculo do bebé à mãe é único, estabelecido de forma inalterável, o primeiro e o mais poderoso objecto de amor e o protótipo das outras relações amorosas, para os dois sexos (Waters, 2004).

A interacção precoce mãe-bebé é descrita como um processo recíproco, no qual as respostas de cada um são influenciadas pelo comportamento do outro, tomando assim um valor preditivo do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança (Teixeira & Leal, 1995).

Para Mahler, Pine e Bergman (1977) a existência de uma figura de apoio (mãe ou respectivo substituto) no início da vida do ser humano é essencial para o processo de maturação. Desta forma, a criança pode alcançar a individualidade, pois foi capaz de interiorizar a imagem da mãe, enquanto figura de referência e figura que possibilita o desenrolar da autonomia do filho.

Também Winnicott (1975) enfatiza o papel que a figura de apoio desempenha no desenvolvimento da criança, definindo o conceito de “mãe suficientemente boa”, e referindo que a criança só pode estar sozinha e ser autónoma se tiver no seu interior uma imagem de uma boa mãe, quer na sua presença quer na sua ausência.

Com Bowlby (1971) substitui-se a imagem de uma criança dependente e necessitada por uma sofisticada, motivada, competente e que usa os seus cuidadores primários como uma base segura a partir da qual podem explorar o meio envolvente.

Bowlby (1971) é também o autor que coloca a necessidade de vinculação lado a lado com as necessidades corporais, distanciando-se de Freud, que considerava a vinculação uma necessidade secundária, pois postula que os laços afectivos que o bebé estabelece com a mãe assentam na satisfação das necessidades de alimento. O autor baseando-se nos estudos de crianças em situação de privação materna e nas investigações de Harlow, considera assim, que a vinculação é uma necessidade primária e crucial no desenvolvimento do bebé.

Desta forma Bowlby rompe com as teorias psicanalíticas vigentes da época e apoia-se em conceitos vindos da Etologia, da Cibernética, da Psicologia do Desenvolvimento e do Processamento de informação (Bretherton, 1992).

Bowlby constrói assim um novo quadro teórico sobre a natureza e a dinâmica da ligação da criança à mãe.

Para Bowlby (1958) a vinculação do bebé à mãe tem por base um equipamento comportamental constituído por um determinado número de sistemas comportamentais característicos da espécie, sendo estes relativamente independentes uns dos outros no início, emergindo em tempos diferentes e que no decurso do desenvolvimento se vão organizando e orientado em relação à figura de vinculação e servem para ligar a criança a esta figura. O autor descreveu cinco sistemas comportamentais que contribuem para a vinculação: chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir, que vão sendo dirigidos para a mãe ao longo do primeiro ano de vida, formando assim a base do que designou por comportamentos de vinculação.

Posteriormente Bowlby (1971) reformula a sua teoria, mantendo estes cinco padrões comportamentais, mas afirmando que entre os nove e os dezoito meses estes vão sendo gradualmente integrados em sistemas de objectivos corrigidos (“goal corrected systems”) muito complexos, sendo organizados e activados para conservar a proximidade com a figura de vinculação.

Segundo Bowlby (1971) no primeiro ano de vida, o bebé estabelece uma relação privilegiada com uma figura de referência, que em princípio seja capaz de ser securizante e protectora, e que portanto assegure a sua sobrevivência. Esta relação é recíproca e interactiva, acontecendo de forma assimétrica, pois bebé e adulto desempenham papéis distintos e complementares, estando o bebé numa posição de busca de cuidados e atenção, com a finalidade de satisfazer as suas necessidades de segurança e protecção, e o adulto disponível para responder às solicitações da criança, via prestação de cuidados (Soares, 2007). O adulto ao desempenhar esta função de forma regular e constante, tende a tornar-se uma figura de vinculação para a criança e a ser capaz de lhe proporcionar um sentimento de segurança quando esta sente medo, desconforto ou mal-estar generalizado.

Deste modo Bowlby (1971) define vinculação como a primeira relação afectiva da criança, ocorrendo normalmente com a mãe e servindo de molde para todas as futuras relações da criança. A relação que é estabelecida com a mãe no início da vida do bebé vai no sentido de manter a proximidade com o parceiro materno, sendo relativamente independente da relação de procura de satisfação alimentar.

Bowlby (1971) também afirma que o comportamento de vinculação tem bases biológicas, que só podem ser entendidas num contexto evolutivo. Para o autor a sobrevivência

da espécie humana apenas pode ser compreendida se concebermos que os bebés se encontram munidos de sistemas comportamentais relativamente estáveis para estarem protegidos do perigo. A forma como o bebé utiliza os comportamentos de vinculação determina a manutenção da proximidade com um adulto mais capaz de se confrontar com situações de perigo. O autor considera assim, que estes comportamentos estão adaptados ao sistema comportamental de cuidados parentais, promovendo a manutenção da proximidade com a figura de vinculação e que visa a sua protecção. Afirma também que se num primeiro momento a proximidade com a figura de vinculação é sobretudo promovida por esta, já ao fim de alguns meses a manifestação de comportamentos de vinculação começa a ser cada vez mais controlada e exercida pela criança.

Segundo Bowlby (1971) os comportamentos de vinculação tendem a dirigir-se a uma figura principal, podendo ser divididos em comportamentos de sinalização: o chorar, o sorrir, o falar ou o chamar, tendo como finalidade trazer essa figura para perto da criança; ou em comportamentos de aproximação: procurar, seguir ou agarrar, tendo como objectivo levar à criança até à figura de vinculação.

O autor refere que cada um destes comportamentos se manifesta em determinadas circunstâncias e tem certos efeitos no comportamento materno, estando organizados de forma muito simples, consistindo na activação de padrões de activação fixa. Durante o primeiro ano de vida estes comportamentos mais simples vão-se tornando mais organizados e complexos, especificamente em sistemas de objectivos corrigidos.

Para Bowlby (1971) as experiências da criança no meio familiar são determinantes para a qualidade do desenvolvimento. Partindo da relação primária com a figura materna, e posteriormente com as outras figuras familiares, a criança vai construindo modelos sobre o modo como essas figuras são capazes de se comportar numa variedade de situações. Sobre estes modelos são construídas expectativas, com base nas quais são elaborados planos para o comportamento futuro. Entre os vários acontecimentos de vida que podem fazer divergir o percurso do desenvolvimento, Bowlby sublinha as experiências ou ameaças de separação e as perdas.

Assim para Bowlby (1988) a vivência de um sentimento de confiança e segurança em si e no outro é fundamental ao longo da vida. A criança que sente e confia que a sua figura de vinculação estará disponível para atender às suas necessidades/pedidos e que respeita a sua individualidade, também sentirá confiança para explorar o meio à sua volta.

Bowlby (1971) refere que a criança elabora um conjunto de conhecimentos e expectativas acerca de si própria, que correspondem à interiorização de características das suas interações com os pais. O autor definiu este conceito como “working models”, modelos internos dinâmicos, isto é, conhecimentos e expectativas, construídos a partir das interações repetidas com as figuras de vinculação e internamente organizados sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações (Soares, 2007).

Estes modelos constituem-se como importantes grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interação nas relações de proximidade emocional. São também sistemas afectivamente carregados que regulam o sistema comportamental de vinculação, tendem a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, embora sejam sensíveis a transformações resultantes de alterações nas interações do indivíduo com o meio.

Teoricamente, os modelos internos dinâmicos desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. Soares (1996) afirma que esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações. No entanto, mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos modelos internos dinâmicos. Com efeito, se, por um lado, a segurança pode facilitar as necessárias acomodações a introduzir nos modelos internos dinâmicos e ser, portanto, compatível com a sua revisão, o estabelecimento de novas relações, quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode, por outro lado, constituir uma ocasião significativa para reavaliar vinculações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de um modo inseguro.

Bowlby (1988) defende que o sistema de vinculação não se desliga, está permanentemente em operação, mas com variações na intensidade de acção, considerando que há dois tipos de factores envolvidos neste processo: os factores relacionados com as condições da criança, nomeadamente os estados de fadiga, doença, fome ou dor; e os factores associados às condições do meio, ao nível da presença ou ausência de estímulos ameaçadores e/ou da localização, acessibilidade e disponibilidade da figura de vinculação.

Deste modo à luz da teoria de Bowlby, a relação de vinculação é fundamental para a sobrevivência, um pré-requisito para todas as relações humanas significativas e a base para a segurança psicológica (Soares, 2007).

1.2. Pré-adolescência masculina

A adolescência enquanto fase do desenvolvimento do ser humano, apresenta vários comportamentos com os mais diversos significados, pois é um processo em que surgem alterações significativas nas dimensões biológica, social, pulsional, afectiva e intelectual. Por isso muitos autores não a consideram tanto uma fase e se referem mais à adolescência como sendo um processo dinâmico e com características únicas.

A adolescência tem o seu início com o surgimento da puberdade (Malpique, 2003). A seguir ao período de latência surgem transformações corporais e fisiológicas provocadas pelo sistema endócrino, que conferem a capacidade de reprodução e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, conduzindo à maturação sexual (Malpique, 2003; Martins, 1996).

A maturidade sexual surge no rapaz com a primeira ejaculação nocturna e o crescimento normalmente atinge o seu pico aos 14 anos (Martins, 1996).

Martins (1996) considera que a puberdade coincide com a pré-adolescência, e que portanto pode surgir nos rapazes entre os 11 e os 16 anos. Na puberdade dá-se o desenvolvimento das características sexuais primárias (amadurecimento dos órgãos sexuais), o desenvolvimento das características sexuais secundárias (aparecimento e aumento da pilosidade, modelação do corpo e mudança de voz no rapaz) e crescimento do tamanho do corpo e alterações nas suas proporções (Martins, 1996).

Com estas súbitas alterações corporais, Branconnier e Marcelli (2000) referem que a puberdade cria um duplo desafio para o pré-adolescente: por um lado a necessidade de manter um sentimento de continuidade e existência num corpo em mudança, que se traduz por sentimentos de dúvida relativamente ao corpo e à identidade, suscitando angústia e evocando a vivência da primeira infância; por outro lado a necessidade de integrar as transformações pubertárias no funcionamento psíquico, levantando toda a problemática da identidade sexuada. Assim o desenvolvimento da identidade sexuada assenta num primeiro momento, no reconhecimento e depois na aceitação da nova imagem.

Desta forma o pré-adolescente não tem controlo sobre a transformação corporal que acontece, pois esta funciona de forma imprevisível, o que não o impede de manter a atenção a este processo, o pré-adolescente assiste assim assombrado pelas mudanças corporais (Malpique, 2003).

Esta situação de crescimento e maturação biológicos, vai promover um aumento das pulsões (sem alvo específico), levando o pré-adolescente muitas vezes a assumir uma

linguagem de acção e a um comportamento do agir, pois por vezes é incapaz de exprimir os seus sentimentos de forma verbal (Martins, 1996; Schave & Schave, 1989).

Este aumento quantitativo das forças instintivas, agressiva e sexual, leva o adolescente a interrogar-se sobre o seu mundo pulsional e a manifestar um conjunto de emoções e comportamentos extremos nas relações com os outros (Braconnier & Marcelli, 2000).

A harmonia do período de latência é assim desequilibrada pela puberdade (Malpique, 2003), forçando o Ego a combater a emergência destes impulsos pubertários no sentido de voltar a controlá-los (Blos, 1962).

Malpique (2003) refere que a forma como a puberdade é gerida depende do processo de identificação com os pais e com os pares do mesmo sexo e da relativa dessexualização das relações de objecto, que aconteceram no período de latência.

Como já vimos, a par da evolução física, vai também acontecendo uma transformação psíquica, necessária para sustentar todas as modificações biológicas. Para Cordeiro (1988) a puberdade constitui um verdadeiro organizador da vida psíquica, principalmente da psicosexualidade, em que todo o passado é revivido e actualizado, estando perceptíveis as modificações instintuais que levam o adolescente a integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu próprio corpo.

Para Blos (1967) a vida emocional do pré-adolescente sofre uma reorganização profunda, acontecendo uma intensificação e organização das pulsões que provoca um aumento da pré-genitalidade e que levará ao desenvolvimento do Ego durante os anos da adolescência.

Assim na pré-adolescência inicia-se um segundo processo de individuação, tendo por conseguinte um papel estruturador de toda a adolescência e culminado na construção de uma identidade (Blos, 1967). O autor parte assim do conceito de “processo de separação-individuação” de Margaret Mahler, considerando o processo de individuação da adolescência semelhante ao da infância, na qual o bebé se desliga da mãe por internalização, enquanto o adolescente se desliga dos objectos interiores para amar os objectos exteriores. Blos (1967) afirma que este movimento de individuação vai promover a reestruturação do Ego e do Super-Ego e permitir o estabelecimento de novas relações objectais. Para que isto aconteça, o autor refere que tem de acontecer um “abandono dos laços objectais infantis”, ou seja um desligamento dos objectos infantis internalizados, para que estes e a relação com estes possam ser remodelados, permitindo assim a descoberta e o desenvolvimento de novos objectos de

amor externos e fora da família. Neste sentido os pais têm de ser desinvestidos para que a libido possa dirigir-se para o exterior em busca de novos objectos, assim nesta fase a libido objectal é dirigida ao próprio (Blos, 1967).

Neste segundo processo de individuação também se observam, tal como no primeiro processo de separação-individuação, movimentos regressivos e progressivos que alternam em períodos curtos e longos e entre os quais o adolescente se movimenta com muita facilidade (Blos, 1967). Com a intensificação pulsional, o púbere regressa a certas posições infantis e reactiva pulsões infantis, assumindo assim movimentos regressivos. (Blos, 1967). Deste modo, o autor afirma também que existe um retorno do Complexo de Édipo, regressando as relações erotizadas com os objectos parentais, particularmente com a figura parental do mesmo sexo, do qual o adolescente tem que se distanciar e transformar o investimento erotizado num processo de identificação, com a consequente construção da identidade sexual. Quanto à mãe, neste período, ressurgem a angústia de castração em relação à mãe arcaica e o pré-adolescente tem necessidade de se afastar da mãe, para escapar ao seu controlo (Blos, 1962).

Blos (1967) defende que através desta regressão, o adolescente vai poder resolver os resquícios de conflitos e fixações infantis (é a segunda oportunidade para fazer as pazes com as situações de perigo que sobreviveram à infância) e que só no período adolescente é que a regressão pulsional e egóica se constituem como partes obrigatórias do desenvolvimento normal. A regressão nesta fase não deve ser considerada como defensiva, mas como um processo psíquico fundamental que deve seguir o seu curso.

Desta forma, a regressão assume-se como uma condição prévia para o desenvolvimento da adolescência (Blos, 1967).

Este segundo processo de individuação acontece simultaneamente a nível individual e a nível relacional, através de uma reorganização das relações familiares e do surgimento de relacionamentos mais intensos e frequentes fora da família e tem como objectivos desenvolvimentais: a aquisição do Eu autónomo e com limites bem determinados (Blos, 1962).

Para Malpique (2003), como neste momento da vida os únicos objectos internos disponíveis são os objectos parentais, a actualização do complexo de Édipo é uma realidade, assim o pré-adolescente vai buscar os seus recursos aos investimentos narcísicos da infância, às relações pré-edípicas e à organização do período de latência. Com a actualização do

conflito edipiano, os objectos parentais são ressexualizados, despertando fantasias incestuosas e obrigando a um afastamento destas através do luto das imagos parentais (Cordeiro, 1979).

Este trabalho de luto exige um desinvestimento libidinal do objecto perdido, resultando daí um esvaziamento narcísico e sobre o qual se desenvolvem as aquisições e mudanças da puberdade (Malpique, 2003).

Durante a puberdade perde-se também a onipotência infantil e a bissexualidade psíquica, e inicia-se aquisição da identidade sexual (Blos, 1967). O pré-adolescente decide-se pela heterossexualidade pela renúncia ao objecto incestuoso.

Para Marcelli e Branconnier (2000) à medida que o indivíduo se reconhece numa nova imagem do corpo e numa identidade sexuada, tem necessidade de modificar a relação que mantinha com os pais e com as respectivas representações internas (imagos parentais), desidealizando-os fantasmaticamente.

Segundo estes autores, em conjunto com a necessidade do adolescente se desfazer dos laços parentais, existe também a dificuldade dos pais terem de renunciar ao laço precoce da infância.

Desta forma, uma das principais tarefas que se colocam ao adolescente é a construção da identidade. É nesta fase que se inicia a diferenciação dos outros, a criação de uma identidade própria, pois até à adolescência a identidade resulta sobretudo de identificações com os modelos a que a criança se encontra vinculada.

Com a aproximação aos pares, que se encontram fora do meio familiar, o pré-adolescente tem a possibilidade de construir uma nova identidade, pois reorganiza as suas identificações.

Cordeiro (1988) atribui grande relevância às identificações nesta fase inicial da adolescência, uma vez que as identificações edipianas se revelam incapazes de desempenhar o seu papel no contexto da genitalidade, levando o jovem a procurar novos objectos exteriores.

Deste modo o adolescente começa a dirigir-se cada vez mais para o seu grupo de amigos (Blos, 1962), permitindo o desenvolvimento de novas relações consigo próprio e com os outros, assim como construir a sua identidade, ao mesmo tempo que recebe sentimentos de segurança do grupo pois todos vivem uma problemática comum, a autonomização (Claes, 1985).

Assim a nível social, o adolescente procura estabelecer novas relações com parceiros fora da família, bem como vincar a autonomia em relação aos pais, não significando esta uma

ruptura total dos laços afectivos (Martins, 1996). A par da vinculação aos cuidadores, surge a vinculação aos pares, que é influenciada pelo padrão afectivo de crenças e comportamentos de vinculação formadas na relação com os pais (West, Rose, Speng, Sheldon-Keller & Adam, 1998).

A relação com as figuras parentais é também marcada por uma crítica acentuada face a estes, devido à emergência do pensamento formal (Martins, 1996). A passagem para o raciocínio formal, traduz-se num egocentrismo extremo no que toca ao comportamento, aparência, sentimentos e pensamentos, segundo Schave & Schave (1989).

Para Fleming (1993), é também na adolescência que se dão importantes passos para abandonar uma situação de imaturidade e dependência e alcançar uma situação de maturidade e independência. A autonomia, ou seja a separação entre pais e adolescentes é assim a tarefa desenvolvimental mais importante da adolescência para esta autora. Nesta fase da vida, a necessidade de separação psicológica dos pais intensifica-se, pois o indivíduo sente-se capaz de viver com maior autonomia. Fleming (1993) refere que a criança até à adolescência foi maioritariamente gratificada pelas experiências vividas com os pais, mas nesta nova fase surge um desejo contraditório de se separar dos seus pais desejados.

1.2.1 Vinculação na adolescência

Na perspectiva da vinculação, a adolescência representa uma fase de transição entre as vinculações da infância, que foram estabelecidas no contexto da relação pais-filho e as ligações afectivas adultas que extravasam as relações familiares (Soares, 2007).

Desta forma para Atger (2004) do ponto de vista da vinculação, as principais modificações na adolescência são: uma distanciação e transformação das relações com as figuras de vinculação iniciais; a criação de novos laços de vinculação; a emergência de comportamentos sexuais e relacionados com a prestação de cuidados que se relacionam com o sistema de vinculação e o desenvolvimento de capacidades para se tornar numa figura de vinculação.

Com o início da pré-adolescência, o jovem começa a realizar esforços significativos para se tornar menos dependente dos cuidados das suas figuras de vinculação, os pais (Soares, 2007). Devido à emergência do pensamento formal o pré-adolescente pensa a sua relação com os outros de forma mais integrada, o que permite um aumento substancial da diferenciação de si e do outro. Vai poder também generalizar o padrão de vinculação a outras

figuras, podendo os processos cognitivos substituir o contacto (Colin, 1996). O adolescente torna-se assim também capaz de reconhecer a possibilidade das figuras parentais errarem nas suas respostas e imaginar que outras e novas relações poderiam satisfazer melhor as suas necessidades de vinculação, bem como de diminuir o recurso aos progenitores, mantendo o nível de segurança interna à medida que se torna mais autónomo (Soares, 2007).

Também Atger (2004) afirma que a procura de autonomia do adolescente depende de uma relação positiva com os pais, pois a evidência de que pode contar com os pais, permite-lhe ser mais autónomo e por estar mais distante, permite-lhe também reanalisar a natureza da relação com os pais.

Neste período surgem assim as relações afectivas com os pares, que formam a base para mais tarde se estabelecerem relações de vinculação estáveis e recíprocas (Hinde, 1982).

Durante da infância, as relações com os pares, apesar de relevantes, nunca atingem a importância e significância que as relações de vinculação aos pais têm. Só com o começo da adolescência é que, de forma gradual, as relações com os pares vão evoluir e transformar alguns pares em figuras de vinculação (Atger, 2004).

Neste sentido, Atger (2004) declara que algumas necessidades de vinculação vão sendo transferidas para os pares e que o adolescente passa das relações assimétricas com os pais para uma relação de reciprocidade, na qual cada um oferece e recebe apoio e atenção.

As relações com os pais transformam-se, a vinculação aos pares ganha peso, mas os adolescentes desejam e necessitam de manter os pais como “figuras de vinculação na reserva” (Weiss, 1982), continuando a procurar o apoio e o conforto parental em alturas mais conturbadas, como Soares e Campos (1988) verificaram. Existe assim uma dinâmica relacional entre as necessidades de vinculação e exploração ou autonomia, à qual os pais necessitam de modificar a percepção do adolescente e de renunciar a certas gratificações retiradas dos cuidados parentais (Weiss, 1982). Quanto ao adolescente, este terá de reavaliar e reestruturar a sua relação com os pais, devido à maior intimidade com os amigos e ao desenvolvimento da dimensão da vinculação nas relações com os pares (Bloom, 1980).

A reestruturação da relação pais-filhos acarreta um potencial significativo para a compreensão e entendimento desta mesma (Soares, 1996). O sucesso com que o adolescente reorganiza a relação com as figuras parentais parece ter influência na qualidade das relações com os pares, na medida que o modelo representacional da figura de vinculação, constitui uma força significativa no sentido da continuidade da organização das vinculações do

adolescente, como refere Kobak (1999, citado por Soares, 1996).

Também Bowlby (1977), apesar de não ter trabalhado directamente com o período da adolescência, sempre afirmou que a teoria da vinculação é tão pertinente na infância como em qualquer outro período da vida.

Bowlby (1971) afirma assim, que durante a adolescência, a vinculação desenvolve-se com menor intensidade e que outros adultos podem assumir tanta ou maior importância como os pais, bem como se inicia a atracção sexual pelos pares. Desta forma o autor constata que a maioria dos adolescentes mantém uma vinculação segura e poderosa com os pais, não sendo estas as únicas pois as ligações a outros são também muito importantes. Nos extremos e em minoria encontram-se os adolescentes que rompem as ligações com os progenitores e os que se mostram incapazes ou negam dirigir o seu comportamento de vinculação para outras figuras.

Neste sentido Fleming (1993) afirma que segundo Bowlby, não há uma desvinculação aos pais durante o período adolescente, mas sim um desenvolvimento da vinculação, certo que de forma menos intensa que na infância mas com a possibilidade de estabelecer laços afectivos com outras figuras.

Fleming (1993) confere também uma importância estrutural à vinculação na adolescência. Para a autora a vinculação aos pais deve ser entendida como um laço afectivo duradouro que promove os comportamentos de autonomia e de independência do adolescente e não como um laço que promove a dependência.

A adolescência é assim o tempo de aprendizagem do “tornar-se uma figura de vinculação”, mas também um tempo em que “ser uma figura vinculada” é ainda vital (Soares, 2007).

1.3. Ser filho único ou ser irmão

Os filhos únicos são cada vez mais uma realidade dos nossos dias devido a uma série de condições do mundo actual, por isso podemos afirmar que se o filho único corresponde ao número de filhos que foram desejados, este pode ser investido pelos pais de uma forma menos ambivalente do que nos casos em que os pais desejam ter mais filhos mas não os podem ter (Fernandes, 2005).

Para Baudert (1974) o filho único é uma criança pobre, pois “falta-lhe tudo o que representa a riqueza dos irmãos e das irmãs: a união pelos laços de sangue aos da sua própria geração, o apoio nas discussões que a opõem aos ascendentes e a prática de conformar-se com a organização natural”(p. 26).

Fernandes (2005) afirma que o senso comum mostra uma tendência para descrever o filho único principalmente pela negativa, ele é autoritário, solitário e pouco sociável.

A superprotecção parental é outra das características que descreve os filhos únicos, pois a atenção dos pais está concentrada neles e porque como são o primeiro, os pais são inexperientes. Mas se os pais forem suficientemente protectores e inserirem o seu filho num ambiente socialmente positivo, este terá menores dificuldades na relação com os outros (Fernandes, 2005). Estas crianças quando recebem um cuidado bem doseado dos pais são também mais propícias a um desenvolvimento saudável da auto-estima. Isto significa que a exclusividade parental para o filho único pode ter um lado positivo para o desenvolvimento da criança, pois esta está segura do amor dos pais, adquirindo uma boa e sólida auto-estima de si que assegurará a segurança e confiança necessárias para enfrentar o mundo.

A autora refere que a superprotecção e a hiperatenção dos pais num grau elevado poderão complicar o processo de separação-individuação dos filhos únicos.

Para as pessoas que têm irmãos, muitas vezes estas desejaram ser filhos únicos e ter a exclusividade parental, mas o contrário também é verdade, os filhos únicos desejam ter irmãos, podendo assim partilhar relações mais equilibradas do que as que mantêm com os pais (Fernandes, 2005).

Segundo Fernandes (2005) a existência de irmãos parece ter, particularmente na infância, a tarefa de ajudar o filho único a distanciar-se da relação com o pai e a mãe. A ausência de irmãos é para o filho único um obstáculo à resolução do complexo de Édipo, pois muitas vezes estas crianças têm uma tendência para se identificarem de forma intensa com o progenitor do sexo oposto, levando assim a que os rapazes filhos únicos mostrem maiores tendências femininas e as raparigas filhas únicas maiores tendências masculinas. Desta forma o filho único encontra-se afastado de todos os sentimentos e comportamentos ligados às relações fraternais, tais como a rivalidade, a competição, a proximidade com crianças do mesmo sexo ou do sexo oposto.

Neste sentido Baudert (1974) afirma que através da relação fraterna, a criança prepara-se para a libertação afectiva, favorecendo o processo de maturidade.

Por tudo isto, Fernandes (2005) considera que a situação do filho único na família pode ser considerada como algo constrangedora ou potencialmente prejudicial para o seu desenvolvimento.

Os filhos únicos pela solidão em que vivem e pela inexperiência relacional são crianças que, em média, têm menos amigos, são menos populares e sofrem de maior ansiedade social do que as crianças que têm irmãos. São também crianças que pelo facto de habituadas a ter o poder todo dentro da família, pois nunca o tiveram de partilhar com irmãos, têm dificuldade em desenvolver competências sociais, porque em ambientes extrafamiliares tendem a fazer sempre o que querem (Fernandes, 2005).

Fernandes (2005) conclui assim, que a interacção entre irmãos ou a inexistência dessa experiência no caso dos filhos únicos traça o padrão das relações sociais posteriores e fora da família.

Nos filhos únicos a hiperprotecção e a hiperpreocupação que os pais lhes prestam, pode ser impeditiva dos desejos de individuação e de independência destas crianças. Entre outras coisas a falta de irmãos dificulta o exercício de competências relacionais várias – como a cooperação e a competição – e portanto, a maior lacuna destas crianças reside na falta de experiências que as relações horizontais permitem (Fernandes, 2005).

A relação com os irmãos é, actualmente, a relação mais longa da nossa vida e portanto pode ser tão influenciadora e sustentadora como a relação com as figuras parentais (Fernandes, 2005).

A autora considera assim, o laço fraternal a base e o modelo do laço social e que os filhos únicos só serão fraternais para com os outros, se não se sentirem excessivamente únicos da mãe ou do pai.

O nascimento de um irmão é muitas vezes sentido como o “destronar do rei”, uma perda do universo maternal ou de todo o universo familiar, assim um irmão é vivido como um rival ou um intruso nada desejável (Fernandes, 2005).

Para Fernandes (2005) este destronar não se faz apenas acompanhar pelo ciúme, mas também pela inveja, o medo, a raiva, a tristeza e a dúvida, referindo-se a um conjunto de comportamentos reactivos habitualmente ligados a esta perda de exclusividade:

- agressão: auto-dirigida, sobre o bebé ou sobre a mãe. A agressividade pode também ser dirigida para fora do meio familiar, em particular para os colegas da escola.

- regressão ou paragem no desenvolvimento: o falar à bebé, o surgimento de enurese ou encoprese secundária ou mesmo enurese ou encoprese primária, pois demora a fazer o controlo esfinteriano.

- problemas de sono, de alimentação: habitualmente terrores nocturnos, sonambulismo, anorexia, bulimia.

- doenças imaginárias: a criança procura a atenção e mimos dos pais.

- isolamento: a criança torna-se solitária e indiferente.

- formação reactiva: a criança torna-se muito inteligente e bondosa, não dirigindo qualquer agressividade sobre o irmão recém-nascido.

Para Fernandes (2005) a criança rivaliza com os irmãos de forma a demarcar o seu território psíquico e espaço físico e material, a obter o amor dos pais e a afirmar a sua própria individualização. Os conflitos entre irmãos são normais, mas quase sempre passageiros e resolúveis, são também mais frequentes que os conflitos com os pares e até que com os próprios pais. Para a autora o conflito fraternal é, dentro da família, o principal conflito, pois é mais regular do que os conflitos entre os pais e filhos e muito mais frequente que os conflitos entre o casal.

Um dos factores que Fernandes (2005) enuncia como uma das causas do conflito fraternal, o tratamento diferenciado por parte dos pais, acontece quer os pais desejem, consciente ou inconscientemente, tratar de forma igual os filhos. Mas sabe-se que de uma forma ou de outra o tratamento aos filhos acaba por ser bem diferenciado, contribuindo para o desenvolvimento distinto destes. Esta diferença na forma dos pais se relacionarem com os filhos depende quer das expectativas dos pais em relação a estes, quer dos papéis atribuídos pelos pais (que dependem normalmente do sexo e da ordem do nascimento). Fernandes (2005) afirma que as próprias características do filho são também algo que desperta nos pais “um jogo complexo de fantasmas e projecções inconscientes que se reflectem no modo como estes se relacionam com ele” (pág.88). Muitas vezes as semelhanças físicas ou psicológicas dos filhos com figuras do passado dos pais levam a que estes sejam facilmente mais amados do que a situação contrária (Fernandes, 2005).

Quanto aos possíveis benefícios dos conflitos fraternais, Faber e Mazlish (1995, citado por Fernandes, 2005) identificaram alguns fundamentos da sua utilidade:

- as lutas pelo domínio uns dos outros desenvolvem o carácter

- as discussões em casa permitem o desenvolvimento da vivacidade e da agilidade

- as contendas verbais possibilitam a aprendizagem da diferença entre o ironizar e o fazer mal

- as disputas normais da vida em comum ensinam o como se devem impor, defender, ou como encontrar compromissos

- e por vezes, a inveja que causam, reciprocamente, os talentos de cada um inspira-os a

trabalharem mais, a serem mais persistentes, a procurarem ter sucesso

Os comportamentos parentais são também um factor que induz diferenças significativas entre os membros da mesma fratria para Fernandes (2005). Entre irmãos, os comportamentos familiares são compreendidos de forma dissemelhante, porque quer o grau de desenvolvimento, quer a personalidade são também diferentes, tornando assim a família um ambiente de desenvolvimento diferenciado para cada membro da fratria.

A autora conclui que há uma forte correspondência entre as características dos filhos e o comportamento dos pais quanto a estes e só se pode compreender as relações pais-filhos, ponderando esta ligação.

A interacção entre os irmãos é outro dos factores de diferenciação dentro da família. Estas relações são de tipo horizontal, mas ao mesmo tempo assimétricas, devido às diferentes características dos irmãos, tais como: ordem de nascimento, idade, sexo e nível de desenvolvimento. Estas diferenças são intensificadas por eles próprios, para provavelmente conterem o sentimento de rivalidade entre si.

Desta forma Fernandes (2005) afirma que “os irmãos são os nossos pares mais díspares” (pág.192). A relação com os irmãos não se esgota na infância, ao longo do ciclo de vida, estes constituem uma forte referência e influência, bem como um vigoroso apoio afectivo.

A importância da fratria como contexto de aprendizagem de competências relacionais é posta em relevo no caso dos filhos únicos: a sua inexperience com estes pares que são aos irmãos parece justificar que, em média, tenham menos capacidade para se relacionarem com os outros, comparativamente com os indivíduos que têm irmãos.

1.4. Formulação do problema

A pré-adolescência abre as portas à individuação e autonomização da criança em relação aos pais, assumindo assim extrema significância no curso desenvolvimental do ser humano.

Desta forma, consideramos que apesar da crescente investigação ao longo dos tempos sobre o período adolescente, é de realçar a escassez de estudos que se circunscrevam unicamente às idades da pré-adolescência.

Concordamos também com Ribeiro e Sousa (2002) quando estes afirmam que a

investigação da vinculação na adolescência é muito recente e pouco profunda e que este tipo de estudos é da máxima significância, pois as relações de vinculação que são criadas depois da infância desempenham um papel muito importante no ajustamento geral das pessoas.

Podemos afirmar, que este período desenvolvimental é muito importante na reorganização das relações familiares e no estabelecimento de novas relações, concretamente com os pares (Blos, 1962; Fleming, 1993; Malpique, 2003).

Com efeito, quando os vários autores se referem às relações familiares ou à vinculação na adolescência, referem-se quase sempre às figuras parentais ou aos pares, não valorizando o papel dos irmãos.

Assim, tendo em consideração as ideias de Fernandes (2005) de que a inexperiência fraterna nos filhos únicos muitas vezes complica o processo de separação-indivuação e dificulta a resolução do complexo de Édipo, e que estas crianças são menos competentes socialmente, pensámos que no período adolescente poderiam também surgir dificuldades na individuação e autonomização em relação aos pais bem como na ligação aos pares dos adolescentes com o estatuto de filho único

Deste modo, o problema do nosso estudo vai incidir na forma como varia a vinculação às figuras parentais e aos pares, em pré-adolescentes com experiências fraternas diferentes, ou seja, sendo filho único ou sendo irmão.

Capítulo 2 – Método

Hipóteses

Os pré-adolescentes filhos únicos tenderão a apresentar uma vinculação à mãe e ao pai superior à dos pré-adolescentes com irmãos, ou seja uma percepção da vinculação às figuras parentais mais positiva.

Os pré-adolescentes irmãos tenderão a apresentar uma vinculação aos pares superior à dos pré-adolescentes filhos únicos, ou seja uma percepção da vinculação aos pares mais positiva.

Delineamento do estudo

O presente estudo é uma investigação quantitativa, apresentando um carácter exploratório e descritivo com uma base comparativa, no sentido de verificar se existem diferenças significativas entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares entre pré-adolescentes filhos únicos e dos pré-adolescentes irmãos.

Assim sendo foram constituídos dois grupos de rapazes pré-adolescentes, com idades compreendidas entre os doze e os catorze anos; o grupo de controlo, no qual foram incluídos os pré-adolescentes irmãos e o grupo de estudo, onde se incluem os pré-adolescentes filhos únicos.

Através da aplicação do *Inventory of Parent and Peer Attachment* – IPPA, pretende-se verificar em que sentido varia a percepção da vinculação à mãe, ao pai e aos pares em ambos os grupos considerados.

Amostra

A amostra é constituída por 184 rapazes pré-adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos e que frequentam entre o 7ºano e o 9º ano escolares. A amostra foi recolhida em duas escolas pertencentes ao concelho de Sintra.

Da amostra referida foram constituídos dois grupos: um grupo de estudo com 53 rapazes pré-adolescentes filhos únicos; e um grupo de controlo com 131 rapazes pré-adolescentes com irmãos.

	Filhos únicos	Filhos irmãos	Total
12 anos	9	34	43
13 anos	19	51	70
14 anos	25	46	71
Total	53	131	184

Tabela 1: Distribuição dos participantes no estudo

Instrumento

Neste estudo aplicou-se um questionário de auto-preenchimento, confidencial e anónimo, o Inventário de Vinculação na Adolescência – IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) de Armsden e Greenberg (1987) (Anexo A).

Este questionário foi utilizado para avaliar a percepção que os rapazes pré-adolescentes têm da dimensão cognitivo/afectiva da relação com a sua mãe, o seu pai e os seus pares, ou seja tenta compreender de que forma essas figuras funcionam como fonte de segurança pessoal (Vila-Real, 2004).

O Inventário de Vinculação na Adolescência é uma versão adaptada do Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) de Armsden & Greenberg (1987) e a adaptação para a população portuguesa foi realizada por Neves, Soares e Silva (1999). Os autores pretendiam, à luz da teoria da vinculação de Bowlby, avaliar a qualidade da vinculação do adolescente aos pais e amigos. Para isso sugerem a existência de duas dimensões fundamentais na vinculação: aspectos comportamentais e aspectos cognitivo/afectivos.

Na avaliação da vinculação em adolescentes, a utilização de instrumentos de auto-preenchimento permite encontrar elementos de procura de proximidade e suporte por parte dos adolescentes, mas também de experiências cognitivas moduladas pela afetividade que fazem parte do modelo interno dinâmico das figuras de vinculação que o sujeito possui. A utilização da auto-avaliação reflecte assim a perspectiva de que a vinculação representa aspectos de uma relação a partir do ponto de vista de uma das partes da díade, neste caso do adolescente.

Trata-se de um instrumento composto por 75 itens de escala de tipo *Likert* de cinco pontos graduados, começando no 1 (“Nunca ou quase nunca”, “Poucas vezes”, “Às vezes”, “Muitas vezes”, “Sempre”), e tem como objectivo avaliar a qualidade da vinculação do adolescente, em particular, as dimensões comportamentais, cognitivas e afectivas das relações actuais do adolescente com as suas figuras de vinculação: a mãe, o pai e os amigos (Neves, Soares & Silva, 1999). Os itens relativos às figuras parentais e aos amigos são formulados de forma equiparada, correspondendo as excepções a itens com um conteúdo familiar claro. Os vários itens do questionário servem para avaliar: a confiança dos adolescentes relativamente à compreensão e respeito que as figuras de vinculação demonstram pelos seus desejos e necessidades; a percepção que têm da responsividade e da sensibilidade das figuras de vinculação aos seus estados emocionais, suportando e ajudando nas suas preocupações e a tendência para o distanciamento emocional das figuras de vinculação. Deste modo as três principais dimensões avaliadas pelo IPPA são: o grau de confiança mútua, a qualidade da comunicação e a extensão da raiva ou alienação.

O questionário está assim dividido por três subescalas, referindo-se cada subescala à mãe, ao pai e aos amigos. Cada subescala do questionário contém 25 questões, às quais o sujeito deve fazer corresponder a sua resposta. Para cada uma das subescalas obter-se-ão valores relativos à vinculação, confiança, comunicação e alienação para a respectiva figura de vinculação.

Neste estudo seguiu-se o tratamento de dados utilizado por Vila-Real (2004), autora que trabalhou as respostas dos questionários tendo em conta que a vinculação é um conceito multidimensional. Como variável multifactorial que é, foram isolados os três aspectos da vinculação: a confiança, a comunicação e a alienação. Assim a escala foi utilizada como uma medida unifactorial mas destacámos também cada uma das dimensões da vinculação de modo a podermos observar a sua evolução.

Por uma questão de facilidade de cálculo estatístico e para podermos adoptar as dimensões de forma independente, fizemo-las variar entre 0 e 100.

Neste inventário existem itens cuja formulação é positiva ou directa e outros cuja formulação é inversa ou negativa e que devem ser revertidos (Tabela 2). Desta forma para se obter a pontuação da escala da vinculação na sua totalidade e/ou de cada uma das suas dimensões em separado é preciso ter em atenção a formulação directa ou inversa dos itens.

Figuras	Dimensões	Itens Directos	Itens Inversos
Mãe e Pai	Vinculação	1,2,4,5,7,12,13,15, 16,19,20,21,22,24, 25	3,6,8,9,10,11,14,17, 18,23
	Confiança	1,2,4,12,13,20,21, 22	3,9
	Comunicação	5,7,15,16,19,24,25	6,14
	Alienação	8,10,11,17,18,23	
Pares	Vinculação	1,2,3,6,7,8,12, 13,14,15,16,17, 19,20,21,24,25	4,5,9,10,11, 18,22,23
	Confiança	6,8,12,13,14, 15,19,20,21	5
	Comunicação	1,2,3,7,16,12,17, 24,25	
	Alienação	4,9,10,11,18,22,23	

Tabela 2 – Tabela demonstrativa da esquematização do IPPA

Com o objectivo de que os resultados finais de cada dimensão variem entre 0 e 100, utilizámos os seguintes algoritmos:

Dimensão da Vinculação

Em relação à figura materna e à figura paterna:

$$\text{Valor máximo: } (15 \times 5) - (10 \times 1) = 65$$

$$\text{Valor mínimo: } (15 \times 1) - (10 \times 5) = -35$$

Como os valores da dimensão devem variar entre um máximo de 100 e um mínimo de 0 atribui-se um valor constante (K) de +35, sendo o algoritmo a aplicar o seguinte:

$$\begin{aligned} &(\text{Item1} + \text{Item2} + \text{Item4} + \text{Item5} + \text{Item7} + \text{Item12} + \text{Item13} + \text{Item15} + \text{Item16} + \text{Item19} + \text{Item20} \\ &+ \text{Item21} + \text{Item22} + \text{Item24} + \text{Item25} - \text{Item3} - \text{Item6} - \text{Item8} - \text{Item9} - \text{Item10} - \text{Item11} - \text{Item14} - \text{Item17} \\ &- \text{Item18} - \text{Item23}) + 35 \end{aligned}$$

Em relação aos pares:

$$\text{Valor máximo: } (17 \times 5) - (8 \times 1) = 77$$

$$\text{Valor mínimo: } (17 \times 1) - (8 \times 5) = -23$$

Desta forma atribuímos um valor constante (K) de +23 para que os valores passassem a variar entre um mínimo de 0 e um máximo de 100. O algoritmo a aplicar é o seguinte:

$$\begin{aligned} &(\text{Item1} + \text{Item2} + \text{Item3} + \text{Item6} + \text{Item7} + \text{Item8} + \text{Item12} + \text{Item13} + \text{Item14} + \text{Item15} + \text{Item16} + \text{Item17} \\ &+ \text{Item19} + \text{Item20} + \text{Item24} + \text{Item25} - \text{Item9} - \text{Item10} - \text{Item11} - \text{Item18} - \text{Item22} - \text{Item23}) + 23 \end{aligned}$$

Dimensão da Confiança

Em relação à figura materna e à figura paterna:

$$\text{Valor máximo: } (8 \times 5) - (2 \times 1) = 38$$

$$\text{Valor mínimo: } (8 \times 1) - (2 \times 5) = -2$$

Como os valores da dimensão devem variar entre um máximo de 100 e um mínimo de 0 atribui-se um valor constante (K) de +2, passando os valores a variar entre 0 e 40, sendo o algoritmo a aplicar o seguinte:

$$[(\text{Item1}+\text{Item2}+\text{Item4}+\text{Item12}+\text{Item13}+\text{Item20}+\text{Item21}+\text{Item22}-\text{Item3}-\text{Item9})+2]\times 100/40$$

Em relação aos pares:

$$\text{Valor máximo: } (9\times 5) - (1\times 1) = 44$$

$$\text{Valor mínimo: } (9\times 1) - (1\times 5) = 4$$

Atribuímos um valor constante (K) de -4, dividindo por 40 e multiplicámos por 100 para que os valores passassem a variar entre um mínimo de 0 e um máximo de 100. O algoritmo a aplicar é o seguinte:

$$[(\text{Item6}+\text{Item8}+\text{Item12}+\text{Item13}+\text{Item14}+\text{Item15}+\text{Item19}+\text{Item20}+\text{Item21}-\text{Item5}-4)/40]\times 100$$

Dimensão da Comunicação

Em relação à figura materna e à figura paterna:

$$\text{Valor máximo: } (7\times 5) - (2\times 1) = 33$$

$$\text{Valor mínimo: } (7\times 1) - (2\times 5) = -3$$

Como os valores da dimensão devem variar entre um máximo de 100 e um mínimo de 0 atribui-se um valor constante (K) de +3, passando os valores a variar entre 0 e 36. O algoritmo a aplicar é o seguinte:

$$[(\text{Item5}+\text{Item7}+\text{Item15}+\text{Item16}+\text{Item19}+\text{Item24}+\text{Item25}-\text{Item6}-\text{Item14}+3)\times 100]/36$$

Em relação aos pares:

$$\text{Valor máximo: } (8 \times 5) = 40$$

$$\text{Valor mínimo: } (8 \times 1) = 8$$

Atribuimos um valor constante (K) de -8, dividindo por 32 e multiplicamos por 100 para que os valores passassem a variar entre um mínimo de 0 e um máximo de 100. Em seguida apresentamos o algoritmo a aplicar:

$$[(\text{Item1} + \text{Item2} + \text{Item3} + \text{Item7} + \text{Item16} + \text{Item17} + \text{Item24} + \text{Item25} - 8) / 32] \times 100$$

Dimensão da Alienação

Em relação à figura materna e à figura paterna:

$$\text{Valor máximo: } (6 \times 5) = 30$$

$$\text{Valor mínimo: } (6 \times 1) = 6$$

Como os valores da dimensão devem variar entre um máximo de 100 e um mínimo de 0 atribui-se um valor constante (K) de -6, passando os valores a variar entre 0 e 24. O algoritmo a aplicar é o seguinte:

$$[(\text{Item8} + \text{Item10} + \text{Item11} + \text{Item17} + \text{Item18} + \text{Item23} - 6) \times 100] / 24$$

Em relação aos pares:

$$\text{Valor máximo: } 7 \times 5 = 35$$

$$\text{Valor mínimo: } 7 \times 1 = 7$$

Atribuimos um valor constante (K) de -7, dividindo por 28 e multiplicamos por 100 para que os valores passassem a variar entre um mínimo de 0 e um máximo de 100. O algoritmo a aplicar é o seguinte:

$$[(\text{Item4}+\text{Item9}+\text{Item10}+\text{Item11}+\text{Item18}+\text{Item22}+\text{Item23}-7)/28]\times 100$$

O resultado global do questionário para cada uma das figuras indica a pontuação da vinculação.

De acordo com Armsden & Greenberg (1987) os valores obtidos em cada uma das dimensões revelam a percepção de uma vinculação mais ou menos segura, consoante os valores sejam mais ou menos elevados.

O valor total de cada uma das dimensões consiste numa medida unifactorial que mede ao longo de uma dimensão contínua, a percepção que os adolescentes têm da segurança emocional ao longo das suas relações de vinculação. Assim, quanto mais elevados forem os scores totais obtidos pelas respostas dos adolescentes, maior a sua percepção de uma relação de vinculação marcada pela segurança emocional, predominando a percepção de experiências cognitivo-emocionais positivas, de confiança na acessibilidade e responsividade das figuras com quem estabelece laços importantes.

Quanto mais baixos forem os valores obtidos em cada uma das dimensões, mais se aproxima a percepção do adolescente de uma relação de vinculação marcada pela insegurança, onde predominam a percepção de experiências negativas, de revolta ou de desânimo devido à pouca acessibilidade das figuras de referência (Vila-Real, 2004).

Procedimento

Os dados que serão apresentados foram recolhidos em contexto escolar. Contactaram-se duas escolas na periferia da cidade de Lisboa, nomeadamente no concelho de Sintra. O facto de colhermos os dados em duas escolas públicas diferentes permitiu a obtenção de um número de jovens de idades e de estratos variados.

As escolas escolhidas para a recolha da amostra mostraram-se disponíveis para a aplicação do IPPA aos seus alunos.

Após a explicação dos objectivos do estudo e do instrumento a utilizar às Direcções das escolas, foi referido que iria ser enviado um termo de consentimento informado aos encarregados de educação, de forma a autorizar os seus educandos a responderem ao inventário. A seguir a este esclarecimento e consequente autorização, foram entregues os termos de consentimento informado para serem distribuídos pelas respectivas turmas do 7º, 8º

e 9º ano. Depois de recepcionados os termos de consentimento informado, foram combinados os momentos de aplicação e recolha do questionário com os respectivos coordenadores de turma.

Antes da entrega dos questionários aos alunos, foi explicado que as informações prestadas pelos alunos seriam confidenciais e anónimas e que teriam como finalidade integrar um trabalho de dissertação de mestrado. Foi esclarecido o conteúdo do Inventário e lembrado que se surgisse alguma dúvida bastava levantar o braço e pedir uma elucidação. Foi pedido também que o questionário fosse preenchido de forma individual e em silêncio.

Na folha de rosto dos questionários estavam as instruções para o preenchimento do questionário e a nota de que não existem respostas certas ou erradas. Numa folha que vinha depois do questionário propriamente dito, foram pedidas algumas informações como a data de nascimento, o sexo, ano escolar a ser frequentado e se tinham ou não irmãos.

O preenchimento dos questionários demorou aproximadamente 15 minutos. O questionário foi passado às turmas na sua totalidade, tendo sido depois feita uma selecção com base nos critérios: ser rapaz e ter entre 12 e 14 anos.

Assim sendo procedeu-se à verificação da percepção da vinculação às figuras parentais e aos pares nos dois grupos, medida através do Inventário de Vinculação na Adolescência (IPPA).

Os dados obtidos pelo questionário foram tratados estatisticamente pelo programa S.P.S.S (Statistical Package for the Social Science), na versão 15.0.

Inicialmente efectuou-se uma análise descritiva dos valores alcançados. Esta análise será suportada por tabelas e gráficos relativos a algumas medidas de estatística descritiva (médias e desvios padrão).

Posteriormente verifica-se a aplicação de uma estatística de teste não paramétrica, ao recorrermos ao teste de ajustamento de Kolmogorov-Smirnov para testar se a amostra segue uma distribuição normal.

A fim de apurar se existiam ou não diferenças significativas entre os grupos e como a distribuição nem sempre é normal para ambos os grupos e em todas as variáveis, aplicou-se o teste paramétrico t-Student para duas amostras independentes para quando se verificava a existência de distribuição normal e quando acontecia o inverso aplicámos o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para duas amostras independentes.

Além destas comparações e devido à riqueza e quantidade do material recolhido, decidimos também comparar as médias das diferentes idades dentro dos dois grupos, a fim de analisar o processo de autonomização (utilizando os mesmos testes que foram usados nas comparações anteriores) e comparar as médias referentes à mãe, ao pai e aos pares entre si e dentro de cada grupo (recorrendo ao teste paramétrico t-Student para amostras emparelhadas e o teste não paramétrico de Wilcoxon para amostras emparelhadas).

Devido ao grande número de cálculos estatísticos realizados, optámos por apresentar apenas aqueles que são estatisticamente significativos, remetendo os outputs relativos ao teste da normalidade e à estatística de teste para Anexo.

É importante também realçar que quando se realizou o teste t-Student para duas amostras independentes, foi avaliada a homogeneidade das variâncias através do teste de Levene e concluímos que as variâncias são sempre homogéneas.

O valor de significância pré-estabelecido foi de $\alpha=0,05$. Assim, tendo em conta o nível de significância obtido pela respectiva estatística de teste, as hipóteses definidas à partida são validadas, se esse valor for igual ou inferior a 0,05.

Capítulo 3 - Apresentação dos resultados

	Filhos únicos		Filhos com irmãos	
	X	S	X	S
Vinculação	74,30	14,36	74,24	14,86
Confiança	79,86	15,29	79,28	14,23
Comunicação	73,48	16,85	71,95	16,85
Alienação	22,56	15,45	25,03	15,27

Tabela 3: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação à mãe

Médias

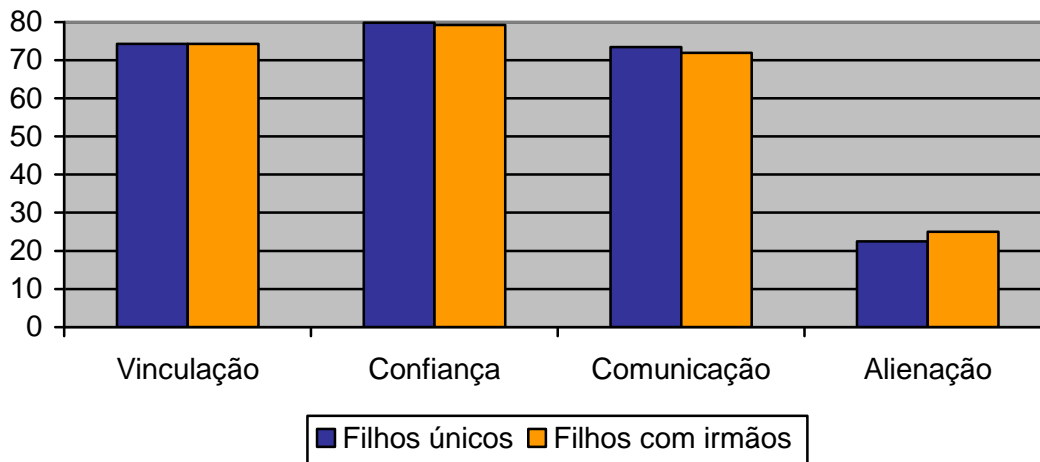


Figura 1: Valores médios nas dimensões do IPPA em ambos grupos

Na tabela 3 estão representados os resultados obtidos pelos dois grupos no que respeita à vinculação à mãe e na figura 1 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Nas quatro dimensões, os valores médios são muito semelhantes para ambos os grupos.

Após a descrição dos valores médios obtidos pelos dois grupos, vai-se proceder à verificação dos resultados estatisticamente significativos, de forma a poder-se concluir sobre a validade da hipótese colocada, onde se supõe que o grupo dos filhos únicos apresente valores mais elevados na vinculação à mãe do que os rapazes irmãos, ou seja uma ligação mais forte.

Para verificar se a distribuição da amostra é normal, condição indispensável para a decisão da utilização de um teste paramétrico, recorreu-se ao teste de Komolgorov-Smirnov (Anexo D) e decidiu-se utilizar o teste não paramétrico para duas amostras independentes de Wilcoxon-Mann-Whitney.

Pela observação dos valores da estatística de teste (Anexo E), constata-se que para um nível de significância de $\alpha=0,05$ não existem diferenças significativas entre os grupos para nenhuma das dimensões.

Em conclusão, não se verifica de forma significativa a influência do facto de ser filho único ou de ser irmão na vinculação à mãe.

	Filhos únicos		Filhos com irmãos	
	X	S	X	S
Vinculação	70,85	15,05	72,60	15,43
Confiança	78,21	15,08	78,93	14,20
Comunicação	67,56	17,86	67,53	18,95
Alienação	26,65	15,85	26,15	17,19

Tabela 4: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação ao pai

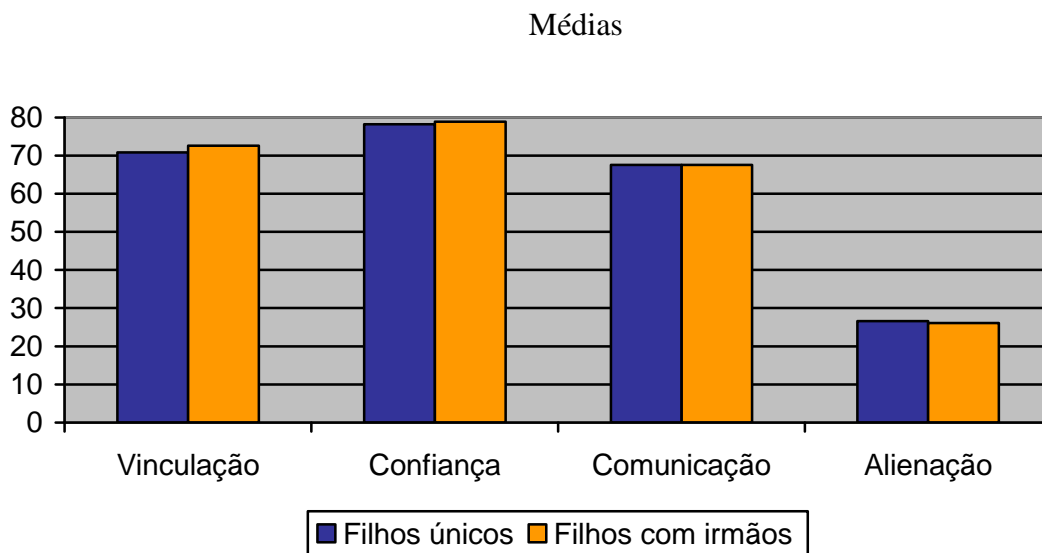


Figura 2: Valores médios nas dimensões do IPPA em ambos os grupos

Na tabela 4 podem-se observar os resultados obtidos pelos dois grupos no que respeita à vinculação ao pai e na Figura 2 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as quatro dimensões, as médias dos dois grupos apresentam diferenças muito pouco acentuadas.

Em seguida realizou-se a prova dos resultados estatisticamente significativos, permitindo a aceitação ou a rejeição da hipótese colocada, onde se supõe que os rapazes filhos únicos têm uma percepção mais positiva da relação com o pai.

Após a realização do teste de Komogorov-Smirnov (Anexo D) e tendo em conta um

nível de significância $\alpha=0,05$, decidiu-se utilizar o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para duas amostras independentes para realizar comparações entre as dimensões da vinculação, da confiança e da alienação e o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student para a dimensão da comunicação.

Observando os valores da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, em nenhuma das dimensões se pode assumir a existência de diferenças significativas entre os dois grupos.

Concluimos que também não se verifica a influência de ser filho único na ligação ao pai.

	Filhos únicos		Filhos com irmãos	
	X	S	X	S
Vinculação	63,40	13,56	66,34	13,60
Confiança	70,94	18,22	71,74	16,71
Comunicação	61,03	20,50	64,00	17,64
Alienação	37,00	16,40	37,16	15,82

Tabela 5: Valores obtidos no IPPA por ambos os grupos na vinculação aos pares

Médias

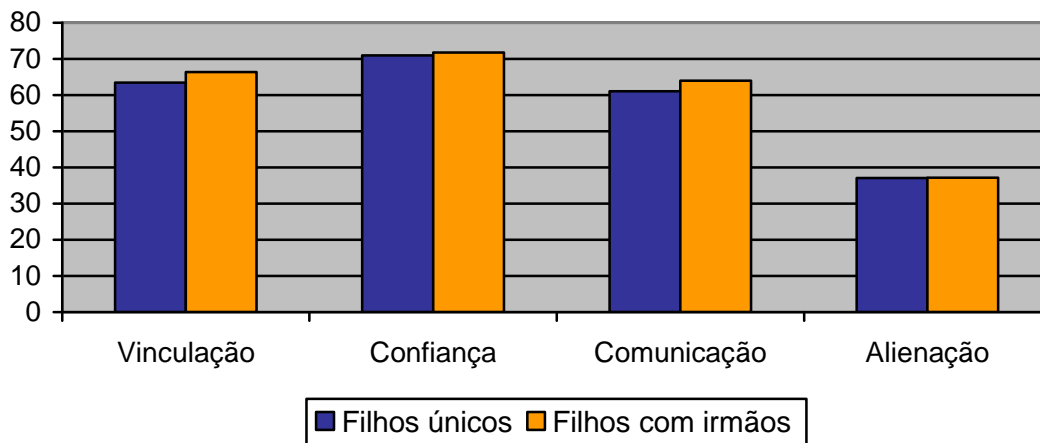


Figura 3: Valores médios nas dimensões do IPPA em ambos os grupos

Na tabela 5 podem-se observar os resultados obtidos pelos dois grupos no que respeita à vinculação aos pares e na Figura 3 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Verifica-se que os valores médios das quatro dimensões são muito semelhantes para os dois grupos.

No momento seguinte procedeu-se à verificação dos resultados estatisticamente

significativos, permitindo concluir sobre a hipótese de que os pré-adolescentes filhos únicos apresentariam níveis inferiores de vinculação aos pais.

Analisando o teste de Komogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student para as dimensões da vinculação e da comunicação. Para as dimensões da confiança e da alienação vai-se proceder à aplicação do teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para duas amostras independentes.

Através da observação dos valores da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$ não existem diferenças significativas entre os grupos.

Finalizando, também não se observa a influência de ser irmão na ligação aos pais.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	80,22	19,52	75,79	11,88	71,04	13,71
Confiança	83,06	20,22	83,82	11,00	75,70	15,66
Comunicação	81,17	19,28	76,32	13,71	68,56	17,21
Alienação	18,52	17,07	23,47	15,16	23,33	15,50

Tabela 6: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação à mãe

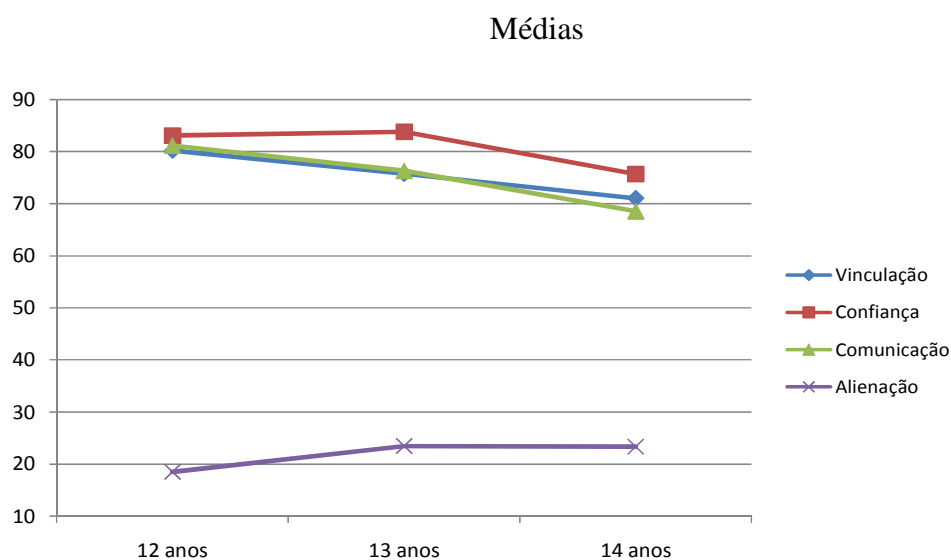


Figura 4: Valores médios nas dimensões do IPPA para as três idades

Na tabela 6 podem-se observar os resultados obtidos pelas três idades no que respeita à vinculação à mãe e na figura 4 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as quatro dimensões, os valores médios são pouco diferenciados entre os rapazes de 12 anos e 13 anos, e entre os rapazes de 13 e 14 anos.

Entre os filhos únicos de 12 e 14 anos, as médias nas dimensões da vinculação, da confiança e da comunicação são relativamente distantes, enquanto na da alienação os valores médios são mais próximos.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), conclui-se que é necessário utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras independentes de Wilcoxon-Mann-Whitney.

Pela observação dos valores obtidos na estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$ não existem diferenças significativas entre os rapazes de 12 e de 13 anos.

Analisando a estatística de teste (Anexo E), verifica-se que a vinculação à mãe aos 12 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-2,011$; $p/2=0,022$), a confiança na mãe aos 12 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-1,760$; $p/2=0,039$) e a comunicação com a mãe também é aos 12 anos significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-2,074$; $p/2=0,019$), tendo em conta um nível de significância de $\alpha=0,05$.

Observando os valores da estatística de teste (Anexo E), constata-se que a confiança na mãe aos 13 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-1,980$; $p/2=0,03$), para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	74,67	15,15	74,26	13,84	66,88	15,48
Confiança	82,50	15,00	81,97	11,89	73,80	16,54
Comunicação	75,31	15,80	73,25	15,99	60,44	17,76
Alienação	27,32	15,88	24,56	16,60	28,00	15,75

Tabela 7: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação ao pai

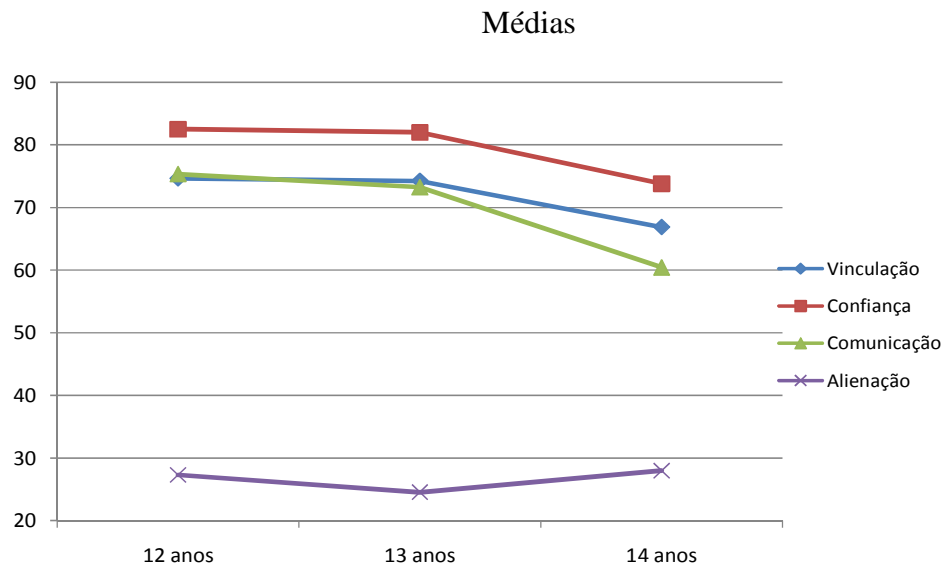


Figura 5: Valores médios nas dimensões do IPPA para as 3 idades

Na tabela 7 podem-se observar os resultados obtidos pelas três idades no que respeita à vinculação ao pai e na figura 5 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as quatro dimensões, a diferença entre as médias dos rapazes de 12 e de 13 anos é muito ligeira.

Entre os rapazes de 12 e 14 anos e os de 13 e 14 anos, apenas se verifica na dimensão da comunicação que os valores médios são mais distanciados.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), conclui-se que é necessário utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras independentes de Wilcoxon-Mann-Whitney.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, em nenhuma das dimensões se pode assumir a existência de diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos.

Observando os valores obtidos na estatística de teste (Anexo E) e assumindo um nível de significância de $\alpha=0,05$, verifica-se que a vinculação ao pai aos 12 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-1,662$; $p/2=0,049$) e que a comunicação com o pai aos 12 anos também é superior que aos 14 anos ($t=2,212$; $p/2=0,017$).

Pela análise da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que a confiança no pai aos 13 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($Z=-1,736$; $p/2=0,042$) e que a comunicação com o pai aos 13 anos é também significativamente superior que aos 14 anos ($t=2,471$; $p/2=0,009$), assumindo uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	67,00	12,45	61,84	16,14	63,28	12,02
Confiança	76,11	15,32	68,29	21,64	71,10	16,57
Comunicação	63,89	20,32	63,49	22,78	58,13	19,16
Alienação	30,91	11,29	39,85	17,91	34,86	16,98

Tabela 8: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos na vinculação aos pais

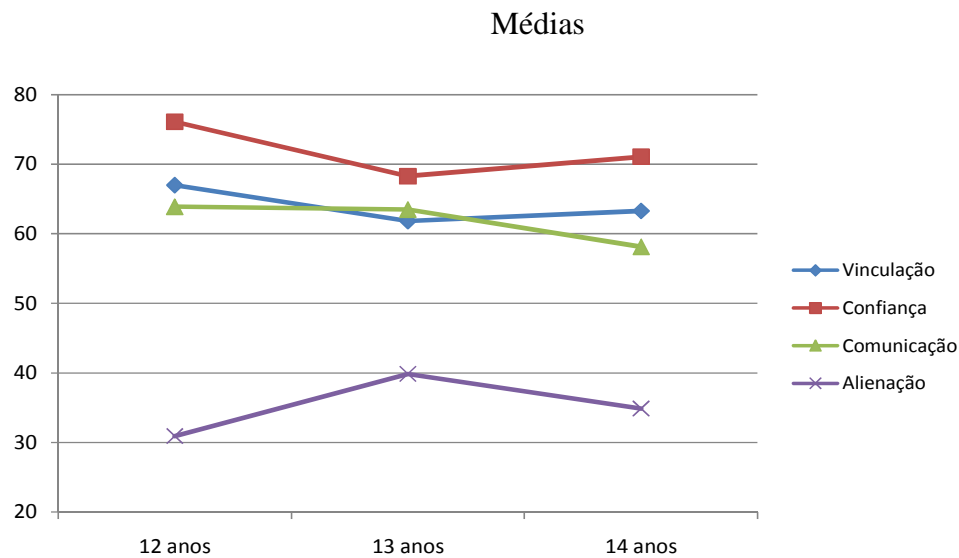


Figura 6: Valores médios nas dimensões do IPPA para as três idades

Na tabela 8 podem-se observar os resultados obtidos pelas três idades no que respeita à vinculação aos pais e na figura 6 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as quatro dimensões, as diferenças entre as médias das três idades são ligeiras.

Analisando o teste de Komogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, em nenhuma das dimensões existem diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos.

Para um $\alpha=0,05$, também não existem diferenças significativas entre os 12 e os 14 anos (Anexo E).

Pela observação dos valores da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma

probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, não existem diferenças significativas entre os 13 e os 14 anos.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	77,09	14,07	74,14	14,58	72,26	15,70
Confiança	82,28	14,13	78,43	14,19	77,99	14,32
Comunicação	74,10	17,89	70,86	16,40	71,56	16,77
Alienação	23,16	14,77	24,51	13,58	26,99	17,39

Tabela 9: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação à mãe

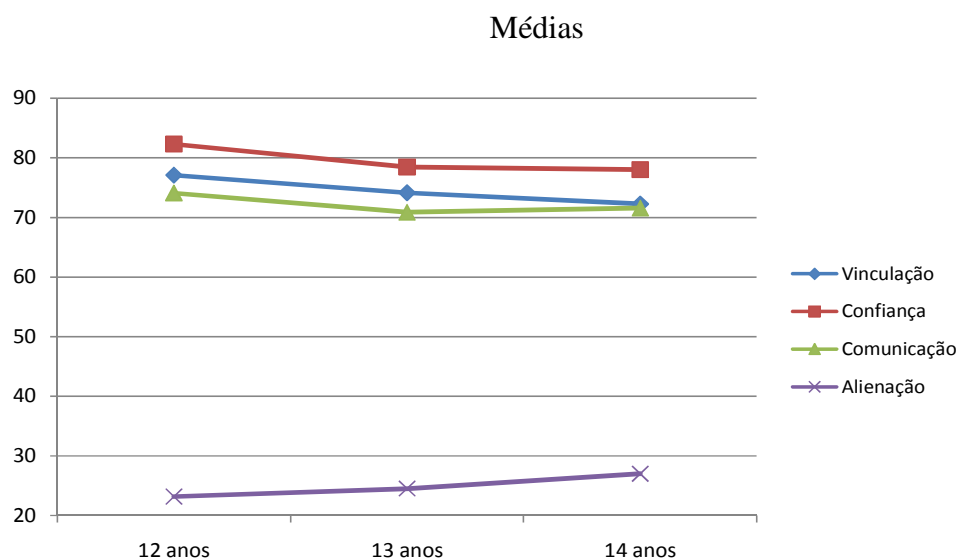


Figura 7: Valores médios nas dimensões do IPPA para as três idades

Na tabela 9 podem-se observar os resultados obtidos pelas três idades no que respeita à vinculação à mãe e na figura 7 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Nas quatro dimensões, verifica-se que os valores médios para as três idades apresentam ligeiras diferenças.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras independentes de Wilcoxon-Mann-Whitney.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), tendo em conta um grau de

significância de $\alpha=0,05$ não se verificam diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos.

Para um $\alpha=0,05$ não se verificam diferenças entre os 12 e os 14 anos (Anexo E).

Analisando a estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, não se verificam diferenças significativas entre os 13 e os 14 anos.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	75,77	12,43	73,51	15,43	69,24	17,03
Confiança	82,06	10,98	79,02	14,27	76,52	15,96
Comunicação	69,94	17,13	67,48	19,18	65,82	20,07
Alienação	23,53	14,79	23,86	15,57	30,62	19,80

Tabela 10: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação ao pai

Médias

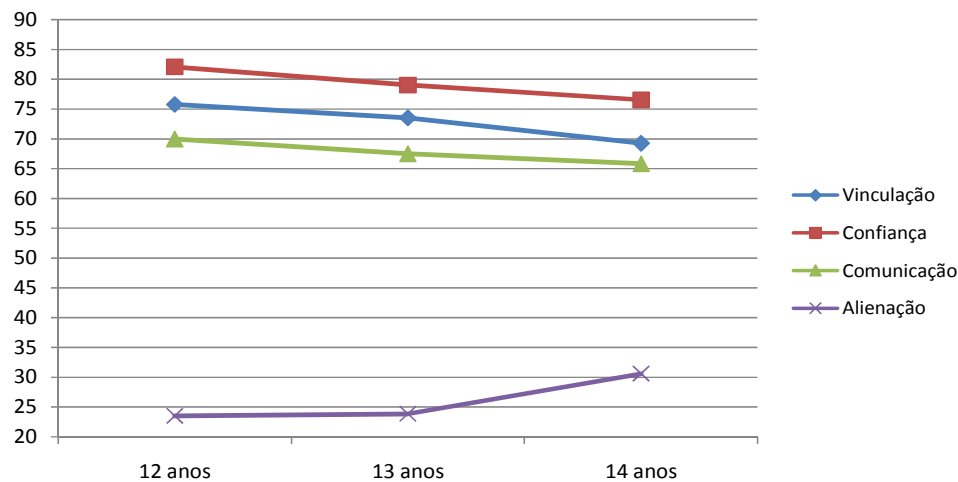


Figura 8: Valores médios nas dimensões do IPPA para as três idades

Na tabela 10 podem-se observar os resultados alcançados pelas três idades no que respeita à vinculação ao pai e na Figura 8 o gráfico das diferenças nas médias.

Em todas as dimensões, os grupos apresentam diferenças muito ligeiras quanto às médias.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste

paramétrico para duas amostras independentes t-Student.

Pela observação da estatística de teste obtida (Anexo E), não se verificam diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos, com um nível de significância de $\alpha=0,05$.

Com um $\alpha=0,05$, verifica-se que a vinculação ao pai aos 12 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($t=1,892$; $p/2=0,031$), que a confiança no pai aos 12 anos também é significativamente superior que aos 14 anos ($t=1,740$; $p/2=0,043$) e que a alienação ao pai aos 12 anos é significativamente inferior que aos 14 anos ($t=-1,755$; $p/2=0,0415$) (Anexo E).

Analisando a estatística de teste (Anexo E), conclui-se que a alienação ao pai aos 13 anos é significativamente inferior que aos 14 anos ($t=-1,878$; $p/2=0,0315$), para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$.

	12 anos		13 anos		14 anos	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	67,21	11,50	68,08	12,17	63,78	16,18
Confiança	72,94	15,03	74,31	14,10	67,99	19,93
Comunicação	62,87	16,73	66,30	16,37	62,30	19,64
Alienação	35,40	14,32	33,75	13,63	42,24	18,00

Tabela 11: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos irmãos na vinculação aos pais

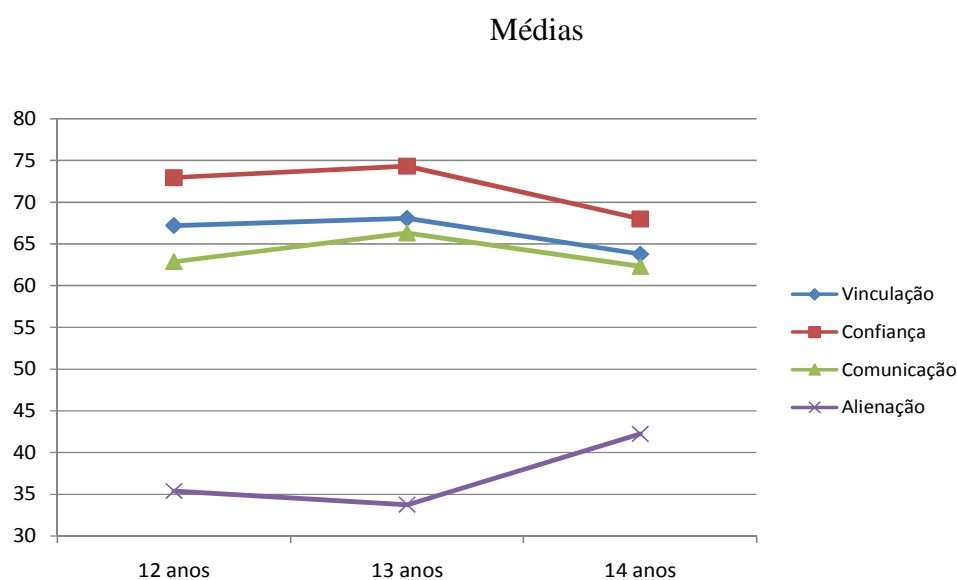


Figura 9: Valores médios nas dimensões do IPPA para as três idades

Na tabela 11 podem-se observar os resultados obtidos pelas três idades no que respeita à vinculação aos pares e na figura 9 o gráfico das diferenças nas médias dos valores alcançados.

Na dimensão da vinculação, da confiança e da comunicação, a diferença de valores entre as médias das três idades não é muito acentuada.

Relativamente à dimensão da alienação, a média dos pré-adolescentes de 14 anos é superior às médias dos pré-adolescentes de 12 e 13 anos.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras independentes t-Student.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, não existem diferenças significativas entre os 12 e os 13 anos, para qualquer das dimensões.

Para um $\alpha=0,05$ e analisando os valores obtidos na estatística de teste (Anexo E), constata-se que não existem diferenças significativas entre os 12 e os 14 anos.

Pela análise dos valores obtidos na estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, a confiança nos pares aos 13 anos é significativamente superior que aos 14 anos ($t=1,818$; $p/2=0,036$) e a alienação aos pares aos 13 é significativamente inferior que aos 14 anos ($t=-2,632$; $p/2=0,005$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	80,22	19,52	74,67	15,15	67,00	12,45
Confiança	83,06	20,22	82,50	15,00	76,11	15,32
Comunicação	81,17	19,28	75,31	15,80	63,89	20,32
Alienação	18,52	17,07	27,31	15,88	36,91	11,29

Tabela 12: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 12 anos

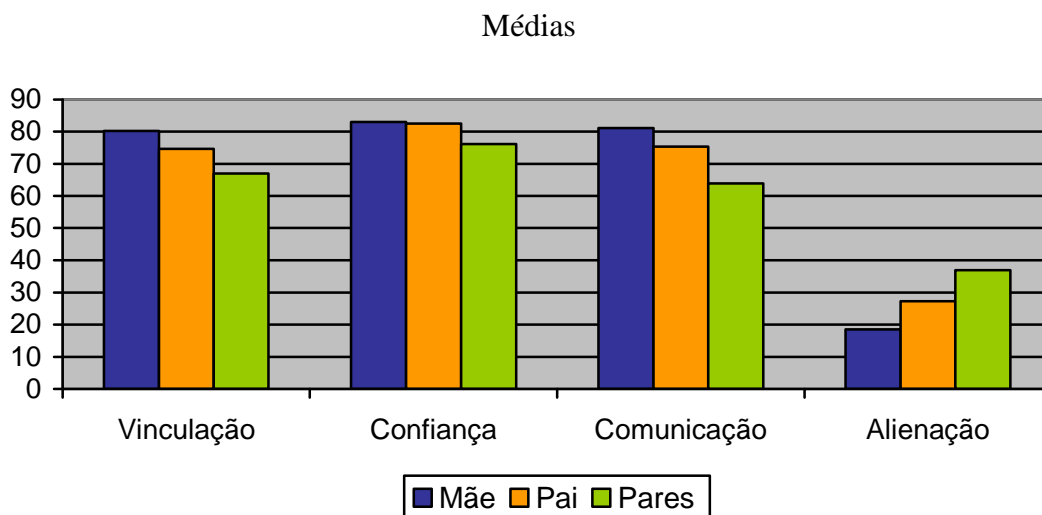


Figura 10: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 12 podem-se observar os resultados obtidos pelo grupo dos filhos únicos com 12 anos quanto à vinculação à mãe, ao pai e aos pares e na figura 10 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as quatro dimensões, verifica-se a existência de diferenças entre as médias relativas às três figuras, sobretudo entre as médias relativas à mãe e as relativas aos pares.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), optou-se pela utilização do teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student e do teste não paramétrico para duas amostras emparelhadas de Wilcoxon.

Pela observação dos valores alcançados na estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$, a alienação à mãe aos 12 anos é significativamente inferior à alienação aos pares na mesma idade ($t=-2,805$; $p/2= 0,012$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	75,79	11,88	74,26	13,84	61,84	16,14
Confiança	83,82	11,00	81,97	11,89	68,29	21,64
Comunicação	76,32	13,71	73,25	15,99	63,49	22,78
Alienação	23,47	15,16	24,56	16,60	39,85	17,91

Tabela 13: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 13 anos

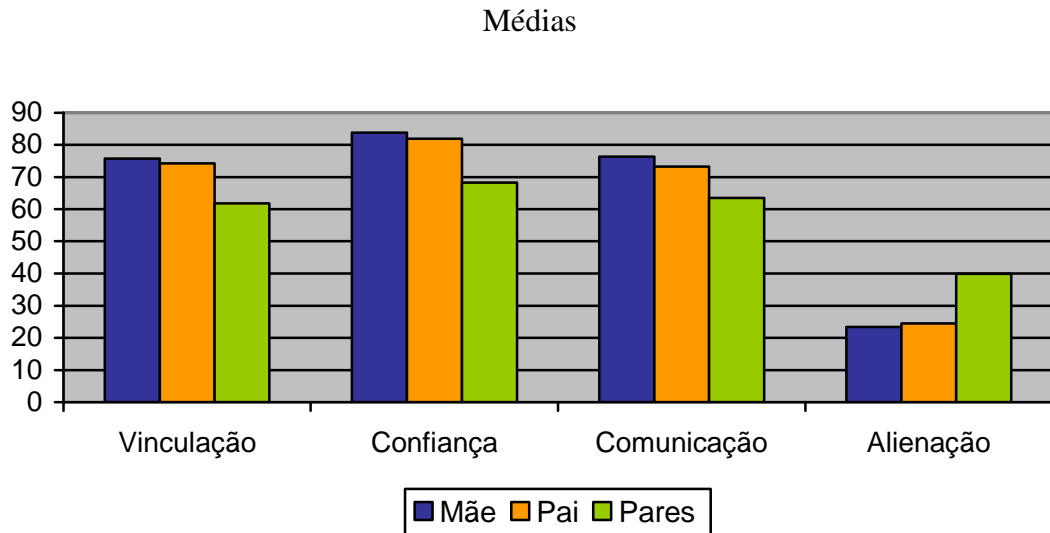


Figura 11: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 13 podem-se observar os resultados obtidos pelos rapazes filhos únicos com 13 anos nas várias dimensões e na figura 11 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Na dimensão da vinculação, da confiança e da comunicação os valores médios relativos à mãe e ao pai são superiores aos valores médios relativos aos pares.

De forma inversa, na dimensão da alienação a média relativa aos pares é superior às médias relativas à mãe e ao pai.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras emparelhadas de Wilcoxon.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$: a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=3,073$; $p/2=0,0035$); a vinculação ao pai é significativamente superior à vinculação aos pares ($Z=-2,795$; $p/2=0,0025$); a confiança na mãe é significativamente superior à confiança nos pares ($t=2,690$; $p/2=0,0075$); a confiança no pai é significativamente superior à confiança nos pares ($t=3,026$; $p/2=0,0035$); a comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com os pares ($t=2,355$; $p/2=0,015$); a comunicação com o pai é significativamente superior à comunicação com os pares ($t=1,905$; $p/2=0,037$); a alienação à mãe é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-4,274$; $p/2=0,000$) e a alienação ao pai é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-3,315$; $p/2=0,002$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	71,04	13,71	66,88	15,48	63,28	12,02
Confiança	75,70	15,65	73,80	16,54	71,10	16,57
Comunicação	68,56	17,21	60,44	17,76	58,14	19,16
Alienação	23,33	15,50	28,00	15,75	34,86	16,98

Tabela 14: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos únicos com 14 anos

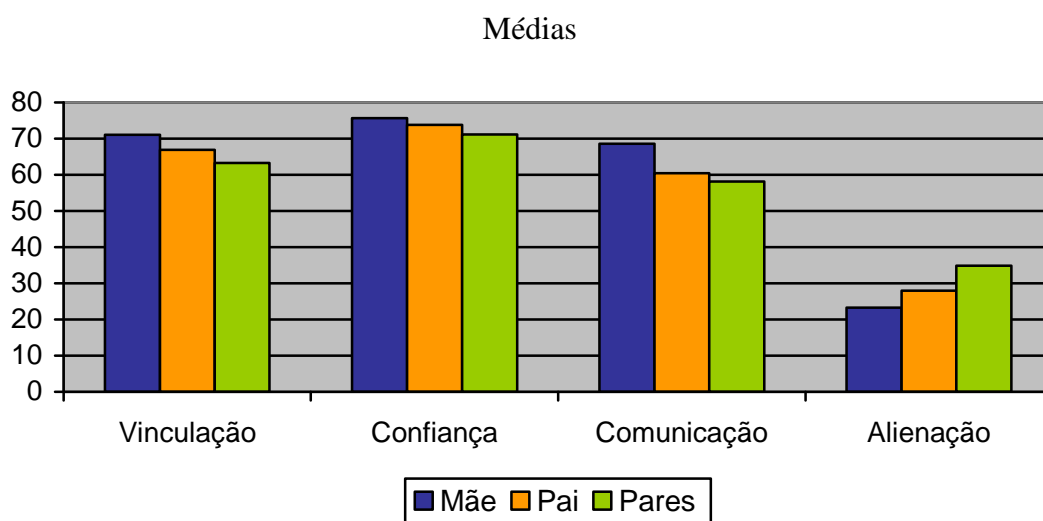


Figura 12: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 14 podem-se observar os resultados alcançados pelo grupo nas várias dimensões e na figura 12 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Nas quatro dimensões verificam-se diferenças entre os valores médios das dimensões relativas à mãe, ao pai e aos pares.

Analisando o teste á normalidade (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras emparelhadas de Wilcoxon.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$: a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação ao pai ($t=1,865$; $p/2=0,037$); a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=2,236$; $p/2=0,0175$); a confiança na mãe é significativamente superior à confiança nos pares ($Z=-1,985$; $p/2=0,0235$); a comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com o pai ($t=2,561$; $p=0,0085$); a alienação à mãe é

significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-2,960$; $p/2=0,0035$) e a alienação ao pai também é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-1,958$; $p/2=0,031$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	77,09	14,07	75,77	12,43	67,21	11,50
Confiança	82,28	14,13	82,06	10,98	72,94	15,03
Comunicação	74,10	17,89	69,94	17,13	62,87	16,73
Alienação	23,16	14,77	23,53	14,79	35,40	14,32

Tabela 15: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos rapazes irmãos e com 12 anos

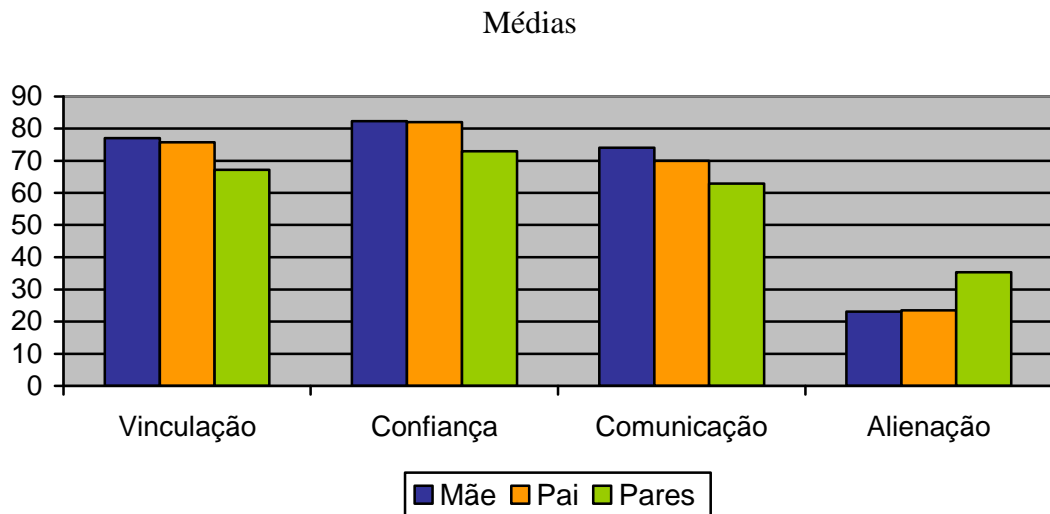


Figura 13: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 15 podem-se observar os resultados alcançados pelo grupo nas várias dimensões e na figura 13 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Nas diferentes dimensões, a diferença de valores entre as dimensões relativas às figuras parentais e as relativas aos pares é acentuada.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student.

Pela observação dos valores obtidos na estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$: a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=3,802$; $p/2=0,0005$); a vinculação ao pai é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=3,880$; $p/2=0,000$); a confiança na mãe é

significativamente superior à confiança nos pares ($t=2,846$; $p/2=0,004$); a confiança no pai é significativamente superior à confiança nos pares ($t=3,261$; $p/2=0,0015$); a comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com o pai ($t=1,701$; $p/2=0,049$); comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com os pares ($t=2,993$; $p/2=0,0025$); a comunicação com o pai é significativamente à comunicação com os pares ($t=2,121$; $p/2=0,021$); a alienação à mãe é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-4,114$; $p/2=0,000$) e a alienação ao pai também é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-4,030$; $p/2=0,000$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	74,14	14,58	73,51	15,43	68,08	12,17
Confiança	78,43	14,19	79,02	14,27	74,31	14,10
Comunicação	70,86	16,40	67,48	19,18	66,30	16,37
Alienação	24,51	13,58	23,86	15,57	33,75	13,63

Tabela 16: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos com irmãos e com 13 anos

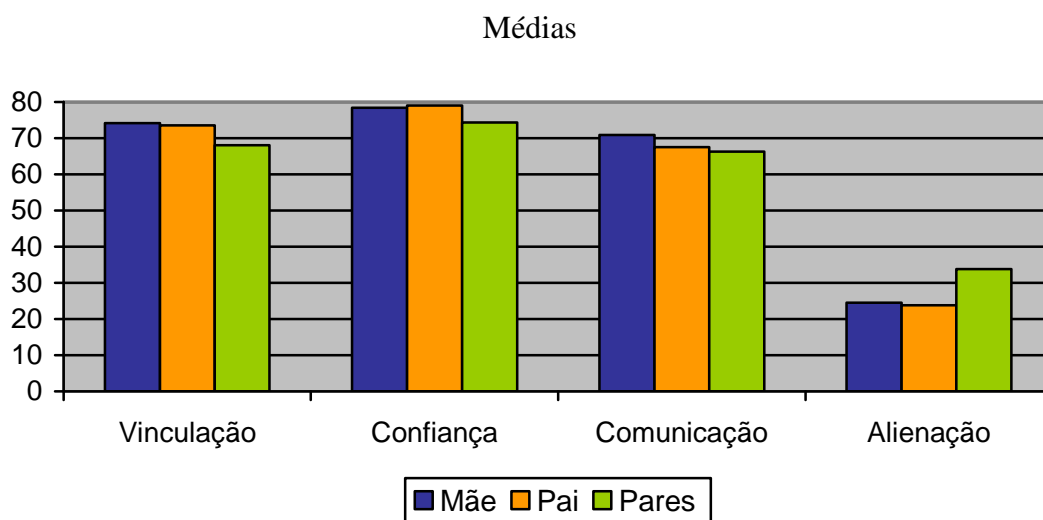


Figura 14: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 16 podem-se observar os resultados alcançados pelo grupo no que respeita às várias dimensões e na figura 14 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Para as dimensões da vinculação e da alienação, as médias relativas à mãe e ao pai são superiores e distantes das médias relativas aos pares.

Quanto às outras dimensões não se verificam grandes flutuações entre as médias.

Analisando o teste à normalidade (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student e o teste não paramétrico para duas amostras emparelhadas de Wilcoxon.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verificamos que para um nível de significância de $\alpha=0,05$: a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=2,546$; $p/2=0,007$); a vinculação ao pai é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=2,359$; $p/2=0,011$); a confiança na mãe é significativamente superior à confiança nos pares ($Z=-1,833$; $p/2=0,034$); a confiança no pai é significativamente superior à confiança nos pares ($t=1,850$; $p/2=0,035$); a alienação à mãe é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-3,598$; $p/2=0,0005$) e a alienação ao pai também é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-3,305$; $p/2=0,001$).

	Mãe		Pai		Pares	
	X	S	X	S	X	S
Vinculação	72,26	15,70	69,24	17,03	63,78	16,18
Confiança	77,99	14,32	76,52	15,96	67,99	19,93
Comunicação	71,56	16,77	65,82	20,07	62,30	19,64
Alienação	26,99	17,39	30,62	19,80	42,22	18,00

Tabela 17: Valores obtidos no IPPA pelo grupo dos filhos com irmãos e com 14 anos

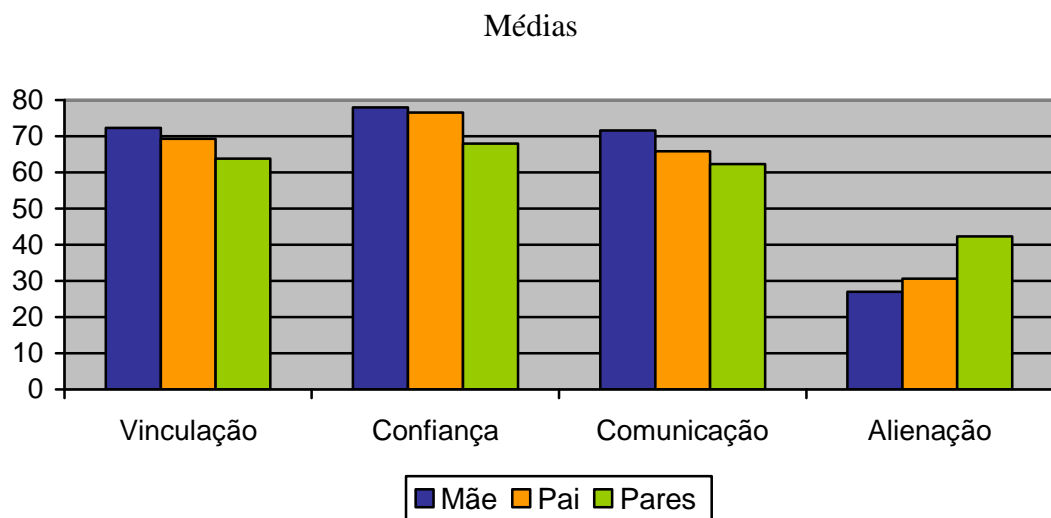


Figura 15: Valores médios nas dimensões do IPPA

Na tabela 17 podem-se observar os resultados alcançados pelo grupo no que respeita às várias dimensões e na figura 15 o gráfico das diferenças nas médias dos valores obtidos.

Nas quatro dimensões, as diferenças de valores entre as médias são acentuadas.

Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov (Anexo D), decidiu-se utilizar o teste paramétrico para duas amostras emparelhadas t-Student.

Pela observação da estatística de teste (Anexo E), verifica-se que para uma probabilidade de significância de $\alpha=0,05$: a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação ao pai ($t=1,842$; $p/2=0,036$); a vinculação à mãe é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=3,357$; $p/2=0,001$); a vinculação ao pai é significativamente superior à vinculação aos pares ($t=2,231$; $p/2=0,0155$); a confiança na mãe é significativamente superior à confiança nos pares ($t=3,672$; $p/2=0,0005$); a confiança no pai é significativamente superior à confiança nos pares ($t=3,145$; $p/2=0,0015$); a comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com o pai ($t=2,255$; $p/2=0,0145$); a comunicação com a mãe é significativamente superior à comunicação com os pares ($t=2,903$; $p/2=0,003$); a alienação à mãe é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-5,061$; $p/2=0,000$) e a alienação ao pai também é significativamente inferior à alienação aos pares ($t=-3,886$; $p/2=0,000$).

4. Discussão dos resultados

A realização deste trabalho permitiu na sua vertente teórica, um aprofundamento e consolidação dos conhecimentos relativos à teoria da vinculação, ao desenvolvimento na adolescência e à experiência relacional diferenciada dos filhos únicos e de crianças com irmãos.

O reconhecimento de que a existência de irmãos parece ajudar o(s) outro(s) irmão(s) a distanciarem-se da relação com as figuras parentais e a estabelecerem relações fora do círculo familiar (Fernandes, 2005), levou-nos a considerar a hipótese de existirem diferenças na vinculação à mãe, ao pai e aos pares em pré-adolescentes com o estatuto de filhos únicos. Para tal, comparou-se dois grupos de rapazes adolescentes, um grupo com rapazes filhos únicos e outro grupo com rapazes irmãos.

Os resultados alcançados não permitiram confirmar as hipóteses de que no grupo dos filhos únicos a vinculação à mãe e ao pai sejam mais intensas do que nos rapazes irmãos e de que a vinculação aos pares é mais intensa no grupo dos rapazes irmãos do que no grupo dos filhos únicos.

Como se verificou na apresentação dos resultados, foi possível constatar no que diz respeito aos participantes deste estudo, que os valores médios obtidos na vinculação à mãe são muito semelhantes para os dois grupos, não se verificando diferenças estatisticamente significativas. Quanto aos valores médios obtidos na vinculação ao pai e aos pares, estes são mais elevados no grupo dos rapazes irmãos, apesar de não serem significativos. O facto do grupo dos filhos únicos apresentarem uma vinculação aos pares inferior poderá estar ligado de certa forma ao facto dos filhos únicos serem normalmente crianças mais apegadas aos pais e que nunca partilharam o amor e a atenção dos pais com irmãos, por serem também crianças que tendem a fazer sempre o que querem em ambientes extra-familiares e conseqüentemente a terem mais dificuldades em desenvolver competências sociais, e por isso são crianças que muitas vezes pela sua inexperiência relacional são menos populares e têm menos amigos (Fernandes, 2005).

Quanto aos resultados alcançados na comparação das dimensões para as diferentes idades, verificámos que a ligação às figuras parentais tende a decrescer ao longo deste período, ou seja à medida que se avança na idade os scores relativos às dimensões da vinculação, da confiança e da comunicação vão decrescendo e os scores relativos à alienação vão aumentando, em ambos os grupos. Os resultados parecem estar assim de acordo com as

conclusões verificadas por Vila-Real (2004) e com os conceitos já referidos como: o segundo processo de individuação que acontece na adolescência (Blos, 1967), no qual o pré-adolescente vai ter de se desligar dos objectos infantis interiorizados para se poder ligar a novos objectos exteriores e a autonomização em relação aos pais (Fleming, 1993), na qual o adolescente vai-se tornando independente e separado psicologicamente dos pais, ou seja no fundo os resultados espelham a mudança relacional relativa aos pais que se vai desenvolvendo na adolescência.

Para ambos os grupos também se verifica que a ligação às figuras parentais é sempre mais importante que a ligação aos pares, e que a ligação à mãe é mais intensa que a ligação ao pai.

A ligação aos pares ao longo do desenvolvimento, apesar de pouco intensa, é a menos constante de todas, mas tendencialmente vai também diminuindo, não se verificando uma aproximação progressiva aos pares à medida que a autonomização em relação aos pais vai também aumentando.

Quanto aos filhos únicos, para a relação com a mãe, a vinculação, a confiança e a comunicação vão decrescendo dos 12 anos em diante, fruto da individuação adolescente à mãe. Mas a descida de valores nestas dimensões acontece de forma intensa e abrupta, pois as médias entre os 12 e os 14 anos para a vinculação e para a comunicação e entre os 13 e os 14 anos para a confiança encontram-se mais distantes que no grupo dos rapazes irmãos. Podemos pensar que como a ligação à mãe nos filhos únicos é mais intensa do que nos irmãos, o processo de autonomização acontece de forma mais brusca e tumultuosa, ou pelo facto de os filhos únicos tenderem a ter mais dificuldades nas relações horizontais, i.e., com os pares, a sua desvinculação em relação aos pais apresentará mais dificuldades, pois para estes sujeitos os pares não funcionam como auxiliares no processo de autonomização.

Para o pai, verifica-se que entre os 12 e os 13 anos, os resultados para a vinculação, para a confiança e para a comunicação descem, variando muito pouco. Dos 13 para os 14 anos, surge uma queda acentuada das mesmas médias. Já a alienação desce dos 12 para os 13, mas depois aumenta para os 14 anos. Desta forma aos 14 anos, a relação com o pai sofre uma quebra, pois a vinculação, a confiança e a comunicação apresentam os valores mais baixos e distantes em relação às outras idades. Esta situação poderá estar ligada a um movimento de distanciamento em relação ao pai, que o rapaz é levado a fazer face ao ressurgir do conflito edípiano.

No que respeita aos pares, não existem diferenças significativas entre as idades. A única dimensão que vai decrescendo de forma regular é a comunicação. Os pares atingem assim maior importância aos 12 anos e menor importância aos 13 anos.

Relativamente ao grupo dos rapazes irmãos, a vinculação e a confiança na mãe vão decrescendo de forma progressiva, enquanto que a alienação aumenta, também progressivamente, sem diferenças significativas, portanto a desvinculação à mãe vai acontecendo gradualmente, ao contrário dos filhos únicos. Para a dimensão da comunicação a média desce até aos 13 anos, subindo aos 14.

Quanto ao pai, a vinculação, a confiança e a comunicação também vão decrescendo de forma gradual e sem sobressaltos, apesar de se verificarem diferenças significativas entre os 12 e os 14 anos para as duas primeiras dimensões.

No que toca aos pares, a evolução ao longo das idades não é regular, pois os pares são mais importantes aos 13 anos, podendo desempenhar um papel importante como auxiliares no processo de autonomização. A ligação aos pares é sempre mais intensa no grupo dos irmãos do que no grupo dos filhos únicos.

Quanto aos resultados obtidos para as comparações entre amostras emparelhadas, verifica-se que para os filhos únicos com 12 anos a figura preferencial de vinculação é a mãe, embora não se encontrem diferenças significativas entre as médias dos pais. A figura paterna parece assumir um papel mais secundário, pois em relação à mãe, a comunicação é mais baixa e a alienação é mais alta. O único resultado que surge que como significativo é a média da alienação aos pares que é significativamente superior à média da alienação da mãe, isto indicia maior distância aos pares bem como mais conflitos, podendo estar relacionado com o facto de os filhos únicos serem crianças que, em média têm menos amigos e que sofrem de ansiedade social em relação às crianças com irmãos (Fernandes, 2005), sendo por isso crianças com dificuldades nas relações horizontais, ou seja com os pares. Mesmo assim, é aos 12 anos que os pares surgem com uma ligação mais intensa para os filhos únicos.

Aos 13 anos, os filhos únicos mostram sinais de um decréscimo na vinculação à mãe, podendo-se assim afirmar este valor é muito semelhante ao valor da vinculação ao pai e que a relação com as figuras parentais é quase indiscriminada. Os resultados significativos mostram uma ligação às figuras parentais mais relevante que a ligação aos pares. Os pré-adolescentes filhos únicos parecem continuar a viver dentro do círculo parental, mas a mãe parece ter

perdido o lugar de referência que possuía aos 12 anos. Pode-se pensar que há uma aproximação e uma identificação ao pai, para fugir à angústia de castração causada pela mãe arcaica.

Aos 14 anos, as figuras parentais continuam a ser privilegiadas em relação aos pares, mas parece surgir um afastamento em relação ao pai, pois a vinculação e a comunicação diminuem e a alienação aumenta, sugerindo assim um distanciamento e o ressurgir do conflito edipiano, da rivalidade e do conflito com o pai, e estando assim mais próximos da mãe. Os pares surgem assim, mais próximos do pai mas continuam muito afastados da mãe.

No que toca aos rapazes irmãos de 12 anos, as médias para todas as dimensões relativas às figuras parentais são significativamente diferentes às médias relativas aos pares, sendo por isso as figuras parentais mais importantes que os pares. A ligação à mãe surge como a mais importante, embora não seja muito diferenciada da ligação ao pai. Assim, quer para os filhos únicos, quer para os rapazes irmãos, a sua vida nesta idade parece estar circunscrita ao universo parental.

Aos 13 anos, as figuras parentais continuam a ser muito importantes, de forma quase indiscriminada, mas os pares adquirem uma ligação mais intensa. A média da alienação é mais elevada para a mãe do que para o pai, sugerindo a existência de mais conflitos ou distância em relação à mãe, e para a confiança a média é mais elevada para o pai do que para a mãe, sugerindo um momento de maior identificação com o pai, tal como nos filhos únicos. Nesta idade a vinculação aos pares assume os valores mais elevados.

Para os 14 anos, a ligação à mãe aparece novamente como sendo a relação privilegiada, mas apesar desta situação as médias relativas aos pares continuam distantes das médias relativas ao pai. O valor médio da comunicação relativo à mãe aumenta em relação aos 13 anos, o que explica a maior diferença entre as figuras parentais para a vinculação.

5. Conclusão

Como tivemos oportunidade de observar nesta investigação, a vinculação aos pais vai-se transformando à medida que se avança na pré-adolescência.

A partir dos resultados alcançados verificámos que existe uma tendência para a ligação aos progenitores ir enfraquecendo, consequência do movimento de autonomização adolescente.

Nos dois grupos de rapazes pré-adolescentes observámos que a relação às figuras parentais é sempre mais intensa e privilegiada que a ligação aos pares.

Concluimos também que apesar da relação com a mãe se configurar como a ligação mais forte, vai havendo um constante ganho e perda de significância ao longo do tempo, quer para o pai, quer para a mãe, fruto da reaparição do complexo de Édipo. Ou seja verificamos que para os dois grupos o pai assume aos 13 anos maior significância em relação à mãe, servindo dessa forma como figura de identificação para o rapaz pré-adolescente. A mãe aos 12 e aos 14 anos é a figura referencial, consequência provável de um distanciamento relacional face ao conflito edipiano com a figura paterna.

Apesar de não termos confirmado as nossas hipóteses, constatámos que o processo de separação e autonomização apresenta diferenças entre os dois grupos.

Para o grupo dos filhos únicos, o processo de autonomização tende a ser mais brusco e mais tumultuoso ao longo do tempo, pensamos que poderá estar relacionado com a ligação mais intensa aos pais que estes desenvolvem pelo facto de serem filhos únicos. Verificámos também que a ligação aos pares é menos intensa que nos irmãos, podendo concluir que os pares não desempenham um apoio relevante na autonomização dos filhos únicos, ao contrário do que se passará nos irmãos.

Neste estudo foram também reconhecidas algumas limitações. Por exemplo a utilização de um instrumento de auto-preenchimento neste período de aquisição de autonomia, pode induzir um enviesamento suplementar quando o adolescente procura minimizar a importância das ligações afectivas.

Outra das limitações que pode ser apontada a este trabalho, remete para o facto de não termos colhido informações mais específicas sobre a existência de irmãos, como: a posição na fratria, sexo dos irmãos ou se ainda vivem com os irmãos, no sentido de compreender melhor a influência da relação fraterna.

A escassez de literatura e estudos sobre a influência do vínculo fraterno no desenvolvimento das crianças e em especial na pré-adolescência foi outro dos obstáculos encontrados.

Quanto a propostas para futuros trabalhos, seria importante realizar um estudo em que se pudesse utilizar um instrumento que avaliasse a vinculação aos irmãos, pois acreditamos tal como Fernandes (2005), que o vínculo fraterno pode ser tão influenciador e sustentador como o vínculo às figuras parentais. Também seria importante estudar como a posição na fratria pode influenciar sobretudo, a vinculação aos pais na adolescência.

Apesar das limitações apontadas e outras que podem ter passado despercebidas e da incerteza em tomar os resultados obtidos de forma absoluta ou causal, espera-se que esta investigação tenha contribuído para estimular novas e diferentes pesquisas e para compreender melhor o processo adolescente.

6. Referências Bibliográficas

- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16 (5), 427-454.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Orgs.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Baudert, A. (1974). Irmãos e irmãs. In J. Santos (Org.), *Educação da criança: problemas da criança* (pp. 26-32). Lisboa: Livros Horizonte.
- Blom, M. (1980). *Adolescent-parental separation*. New York: Garden Press.
- Blos, P. (1962). *On adolescence: a psychoanalytic interpretation*. New York: Free Press.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-186.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-353.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and loss: Attachment*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. Middlessex: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, 130, 421-431.

- Bowlby, J. (1988). *A secure base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores
- Bretherton, I. (1992). The origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28 (5), 759-775.
- Claes, M. (1985). *Os Pensamentos da Adolescência*. Lisboa: Verbo Editores
- Colin, V. (1996). *Human attachment*. New York: McGraw-Hill Company.
- Cordeiro, J. D. (1979). *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes Editores.
- Cordeiro, J. D. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Fernandes, O. M. (2005). *Ser único ou ser irmão*. Dafundo: Oficina do Livro.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Hinde, R. (1982). Attachment: Some conceptual and biological issues. In C. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. London: Tavistock Publications.

- Mahler, M., Pine, F., & Bergman, A. (1977). *O nascimento psicológico da criança, simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Malpique, C. (2003). *O Fantástico Mundo de Alice: estudos sobre a puberdade feminina*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Martins, M. J. (1996). Aspectos sobre o desenvolvimento na pré-adolescência e adolescência. *Aprender, 20*, 5-12.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da Vinculação na Adolescência – I.P.P.A. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 37-48). Braga: APPORT/SHO.
- Ribeiro, J. L. P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica, 20*, 67-75.
- Schave, D., & Schave, B. (1989). *Early Adolescence and the Search for Self: A developmental perspective*. New York: Praeger.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia.
- Soares, I. (Org.). (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Soares, I., & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica, 4*, 57-64.

- Teixeira, I., & Leal, I. P. (1995). Expectativas e atitudes de mães primíparas com filhos prematuros. *Análise Psicológica, 13* (1/2), 191-194.
- Vila-Real, A. (2004). *Relações sociais, dinâmica familiar e organização da identidade em pré-adolescentes*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Waters, T. (2004). Learning to love: from your mother's arms to your lover's arms. *The Medium, 30* (19), 1-4.
- Weiss, R. (1982). Attachment in adult life. In C. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. London: Tavistock Publications.
- West, M., Rose, M., Spreng, S., Sheldon-Keller, A., & Adam, K. (1998). Adolescent Attachment Questionnaire: A brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 27* (5), 661-673.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexos

Anexo A

Instruções

Lê com muita atenção as frases que te vamos dar e pensa bem até que ponto elas estão de acordo com o que tu sentes.

Em relação a cada frase faz um círculo à volta do número que corresponde àquilo que tu sentes.

Atenção: para cada pergunta apenas podes assinalar um número.

A MINHA MÃE

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1.A minha mãe respeita os meus sentimentos	1	2	3	4	5
2.Sinto que a minha mãe funciona bem como mãe	1	2	3	4	5
3.Gostava de ter uma mãe diferente	1	2	3	4	5
4.A minha mãe aceita-me tal como sou	1	2	3	4	5
5.Gosto de saber a opinião da minha mãe acerca das coisas que me dizem respeito	1	2	3	4	5
6.Acho que não vale a pena mostrar o que sinto á minha mãe	1	2	3	4	5
7.A minha mãe percebe bem quando eu estou preocupado(a) com alguma coisa	1	2	3	4	5
8.Falar dos meus problemas com a minha mãe faz-me sentir vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
9.A minha mãe espera demasiado de mim	1	2	3	4	5
10.Aborreço-me depressa quando estou com a minha mãe	1	2	3	4	5
11.Muitas vezes estou preocupado(a) e a minha mãe não sabe de nada	1	2	3	4	5
12.Quando conversamos, a minha mãe presta atenção ao meu ponto de vista	1	2	3	4	5
13.A minha mãe confia na minha maneira de pensar	1	2	3	4	5
14.Como a minha mãe tem lá os problemas dela, não a incomodo com os meus	1	2	3	4	5
15.A minha mãe ajuda-me a compreender melhor a mim próprio(a)	1	2	3	4	5
16.Converso com a minha mãe acerca dos meus problemas e aborrecimentos	1	2	3	4	5
17.Sinto-me zangado(a) com a minha mãe	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
18.A minha mãe não me dá atenção	1	2	3	4	5
19.A minha mãe ajuda-me a falar com ela acerca das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
20.A minha mãe compreende-me	1	2	3	4	5
21.Quando estou zangado(a), a minha mãe é uma pessoa que compreende o que estou a sentir	1	2	3	4	5
22.Tenho confiança na minha mãe	1	2	3	4	5
23.A minha mãe não percebe o que me acontece	1	2	3	4	5
24.Quando preciso desabafar, conto a minha mãe	1	2	3	4	5
25.Quando a minha mãe sabe que estou preocupado(a) com alguma coisa pergunta-me o que se passa	1	2	3	4	5

O MEU PAI

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1.O meu pai respeita os meus sentimentos	1	2	3	4	5
2.Sinto que o meu pai funciona bem como pai	1	2	3	4	5
3.Gostava de ter um pai diferente	1	2	3	4	5
4.O meu pai aceita-me tal como sou	1	2	3	4	5
5.Gosto de saber a opinião do meu pai acerca das coisas que me dizem respeito	1	2	3	4	5
6.Acho que não vale a pena mostrar o que sinto ao meu pai	1	2	3	4	5
7.O meu pai percebe bem quando eu estou preocupado(a) com alguma coisa	1	2	3	4	5
8.Falar dos meus problemas com o meu pai faz-me sentir vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
9.O meu pai espera demasiado de mim	1	2	3	4	5
10.Chateio-me depressa quando estou com o meu pai	1	2	3	4	5
11.Muitas vezes estou preocupado(a) e o meu pai não sabe de nada	1	2	3	4	5
12.Quando conversamos, o meu pai presta atenção ao meu ponto de vista	1	2	3	4	5
13.O meu pai confia na minha maneira de pensar	1	2	3	4	5
14.Como o meu pai tem lá os problemas dele, não o incomoda com os meus	1	2	3	4	5
15.O meu pai ajuda-me a compreender-me melhor a mim próprio(a)	1	2	3	4	5
16.Converso com o meu pai acerca dos meus problemas e chatices	1	2	3	4	5
17.Sinto-me zangado(a) com o meu pai	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
18.O meu pai não me dá atenção	1	2	3	4	5
19.O meu pai ajuda-me a falar com ela acerca das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
20.O meu pai compreende-me	1	2	3	4	5
21.Quando estou zangado(a), o meu pai é uma pessoa que compreende o que estou a sentir	1	2	3	4	5
22.Tenho confiança no meu pai	1	2	3	4	5
23.O meu pai não percebe o que me acontece	1	2	3	4	5
24.Quando preciso desabafar, conto com o meu pai	1	2	3	4	5
25.Quando o meu pai sabe que estou preocupado(a) com alguma coisa pergunta-me o que se passa	1	2	3	4	5

OS MEUS AMIGOS

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1.Gosto de conhecer as opiniões dos meus amigos	1	2	3	4	5
2.Os meus amigos percebem quando estou aborrecido com alguma coisa	1	2	3	4	5
3.Quando conversamos, os meus amigos tentam perceber o meu ponto de vista	1	2	3	4	5
4.Falar dos meus problemas com os meus amigos faz-me sentir vergonha ou palerma	1	2	3	4	5
5.Gostava de ter amigos diferentes	1	2	3	4	5
6.Os meus amigos compreendem-me	1	2	3	4	5
7.Os meus amigos encorajam-me a falar das minhas dificuldades	1	2	3	4	5
8.Os meus amigos aceitam-me tal como eu sou	1	2	3	4	5
9.Sinto necessidade de estar mais com os meus amigos	1	2	3	4	5
10.Os meus amigos não compreendem o que se passa comigo	1	2	3	4	5
11.Quando estou com os meus amigos sinto-me só e à parte deles	1	2	3	4	5
12.Os meus amigos ouvem o que tenho para dizer	1	2	3	4	5
13.Os meus amigos são bons amigos	1	2	3	4	5
14.É fácil conversar com os meus amigos	1	2	3	4	5
15.Quando estou zangado com alguma coisa, os meus amigos tentem compreender-me	1	2	3	4	5
16.Os meus amigos ajudam-me a compreender-me melhor a mim próprio(a)	1	2	3	4	5
17.Os meus amigos preocupam-se com o meu bem-estar	1	2	3	4	5

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
18.Sinto-me zangado com os meus amigos	1	2	3	4	5
19.Posso contar com os meus amigos quando tenho necessidade de desabafar	1	2	3	4	5
20.Confio nos meus amigos	1	2	3	4	5
21.Os meus amigos respeitam os meus sentimentos	1	2	3	4	5
22.Não demonstro aos meus amigos quando estou aborrecido	1	2	3	4	5
23.Os meus amigos irritam-se comigo por causa de “coisinhas” sem importância	1	2	3	4	5
24.Posso contar aos meus amigos os meus problemas e chatices	1	2	3	4	5
25.Quando os meus amigos sabem que estou preocupado(a) com alguma coisa perguntam-me o que é que se passa	1	2	3	4	5

Anexo B

Data de nascimento:

Sexo: F M

Ano de escolaridade:

Tem irmãos? Sim Não

Anexo C

Carta de consentimento informado

Venho por este meio confirmar que tomei conhecimento do estudo que, Pedro Peralta, aluno do mestrado em Psicologia (área clínica) do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA, está a desenvolver.

Foi solicitada a minha permissão para que o meu filho pré-adolescente colabore neste estudo, um trabalho de recolha de dados, através de um questionário, acerca da vinculação na pré-adolescência.

Fui informado de que todo o processo é anónimo e as identificações dos participantes, não serão de todo utilizadas.

Declaro que tomei conhecimento da inexistência de qualquer risco, por fazer parte nesta investigação, e dos benefícios da minha participação para um melhor conhecimento científico da área em questão.

Tomei conhecimento, do direito de desistência de participação no estudo em qualquer altura.

Autorizo o meu filho a colaborar neste estudo e assino onde indicado.

Assinatura: _____

Lisboa, de de 2008

Agradeço a sua colaboração.

Pedro Peralta

Anexo D

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	1	,095	53	,200(*)	,964	53	,105
	2	,094	131	,007	,967	131	,003
confiança_mãe	1	,149	53	,005	,896	53	,000
	2	,099	131	,003	,933	131	,000
comunicação_mãe	1	,148	53	,006	,950	53	,026
	2	,087	131	,017	,964	131	,001
alienação_mãe	1	,148	53	,005	,956	53	,047
	2	,080	131	,041	,969	131	,005

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para os dois grupos quanto às dimensões relativas à mãe

Tests of Normality

Irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pai	1	,093	53	,200(*)	,973	53	,271
	2	,081	131	,035	,970	131	,006
confiança_pai	1	,171	53	,001	,930	53	,004
	2	,093	131	,007	,943	131	,000
comunicação_pai	1	,081	53	,200(*)	,972	53	,249
	2	,073	131	,081	,978	131	,034
alienação_pai	1	,094	53	,200(*)	,969	53	,188
	2	,095	131	,006	,966	131	,002

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para os dois grupos quanto às dimensões relativas ao pai

Tests of Normality

Irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pares	1	,091	53	,200(*)	,987	53	,848
	2	,043	131	,200(*)	,991	131	,599
confiança_pares	1	,150	53	,005	,947	53	,020
	2	,083	131	,027	,970	131	,005
comunicação_pares	1	,099	53	,200(*)	,968	53	,160
	2	,061	131	,200(*)	,988	131	,341
alienação_pares	1	,077	53	,200(*)	,984	53	,688
	2	,085	131	,023	,974	131	,013

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para os dois grupos quanto às dimensões relativas aos pares

Tests of Normality

idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	12	,314	9	,011	,798	9	,020
	13	,143	19	,200(*)	,945	19	,329
	14	,117	25	,200(*)	,974	25	,737
confiança_mãe	12	,316	9	,010	,778	9	,011
	13	,157	19	,200(*)	,927	19	,153
	14	,202	25	,010	,908	25	,027
comunicação_mãe	12	,319	9	,009	,738	9	,004
	13	,174	19	,132	,959	19	,558
	14	,081	25	,200(*)	,972	25	,696
alienação_mãe	12	,169	9	,200(*)	,912	9	,333
	13	,148	19	,200(*)	,948	19	,361
	14	,164	25	,081	,956	25	,345

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos quanto às dimensões relativas à mãe

Tests of Normality

idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pai	12	,304	9	,016	,791	9	,016
	13	,200	19	,044	,907	19	,064
	14	,154	25	,127	,944	25	,185
confiança_pai	12	,167	9	,200(*)	,925	9	,436
	13	,195	19	,054	,913	19	,085
	14	,209	25	,006	,934	25	,105
comunicação_pai	12	,249	9	,113	,878	9	,149
	13	,142	19	,200(*)	,924	19	,134
	14	,152	25	,142	,960	25	,410
alienação_pai	12	,130	9	,200(*)	,974	9	,929
	13	,136	19	,200(*)	,944	19	,314
	14	,155	25	,122	,939	25	,141

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos quanto às dimensões relativas ao pai

Tests of Normality

Idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pares	12	,123	9	,200(*)	,951	9	,703
	13	,085	19	,200(*)	,993	19	1,000
	14	,128	25	,200(*)	,967	25	,566
confiança_pares	12	,217	9	,200(*)	,876	9	,143
	13	,148	19	,200(*)	,931	19	,181
	14	,130	25	,200(*)	,952	25	,273
comunicação_pares	12	,100	9	,200(*)	,971	9	,899
	13	,123	19	,200(*)	,952	19	,431
	14	,115	25	,200(*)	,939	25	,144
alienação_pares	12	,194	9	,200(*)	,935	9	,529
	13	,119	19	,200(*)	,951	19	,409
	14	,123	25	,200(*)	,941	25	,153

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos quanto às dimensões relativas aos pares

Tests of Normality

idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	12	,125	34	,198	,932	34	,035
	13	,121	51	,059	,937	51	,009
	14	,102	46	,200(*)	,963	46	,149
confiança_mãe	12	,134	34	,130	,847	34	,000
	13	,141	51	,013	,925	51	,003
	14	,121	46	,089	,953	46	,062
comunicação_mãe	12	,141	34	,085	,932	34	,037
	13	,085	51	,200(*)	,955	51	,052
	14	,095	46	,200(*)	,968	46	,235
alienação_mãe	12	,092	34	,200(*)	,966	34	,350
	13	,105	51	,200(*)	,975	51	,345
	14	,097	46	,200(*)	,957	46	,085

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos quanto às dimensões relativas à mãe

Tests of Normality

Idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pai	12	,134	34	,129	,930	34	,031
	13	,100	51	,200(*)	,954	51	,045
	14	,096	46	,200(*)	,969	46	,263
confiança_pai	12	,131	34	,148	,968	34	,404
	13	,106	51	,200(*)	,932	51	,006
	14	,124	46	,075	,954	46	,070
comunicação_pai	12	,116	34	,200(*)	,970	34	,461
	13	,077	51	,200(*)	,963	51	,112
	14	,060	46	,200(*)	,982	46	,669
alienação_pai	12	,129	34	,167	,945	34	,088
	13	,096	51	,200(*)	,963	51	,115
	14	,124	46	,073	,960	46	,119

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos quanto às dimensões relativas ao pai

Tests of Normality

Idade		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_pares	12	,130	34	,157	,972	34	,520
	13	,072	51	,200(*)	,974	51	,311
	14	,089	46	,200(*)	,986	46	,843
confiança_pares	12	,071	34	,200(*)	,978	34	,706
	13	,115	51	,087	,964	51	,121
	14	,077	46	,200(*)	,968	46	,233
comunicação_pares	12	,126	34	,185	,962	34	,287
	13	,065	51	,200(*)	,987	51	,861
	14	,113	46	,180	,966	46	,199
alienação_pares	12	,124	34	,200(*)	,912	34	,010
	13	,096	51	,200(*)	,970	51	,217
	14	,119	46	,098	,978	46	,521

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos quanto às dimensões relativas aos pares

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	1	,314	9	,011	,798	9	,020
vinculação_pai	1	,304	9	,016	,791	9	,016
vinculação_pares	1	,123	9	,200(*)	,951	9	,703
confiança_mãe	1	,316	9	,010	,778	9	,011
confiança_pai	1	,167	9	,200(*)	,925	9	,436
confiança_pares	1	,217	9	,200(*)	,876	9	,143
comunicação_mãe	1	,319	9	,009	,738	9	,004
comunicação_pai	1	,249	9	,113	,878	9	,149
comunicação_pares	1	,100	9	,200(*)	,971	9	,899
alienação_mãe	1	,169	9	,200(*)	,912	9	,333
alienação_pai	1	,130	9	,200(*)	,974	9	,929
alienação_pares	1	,194	9	,200(*)	,935	9	,529

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos de 12 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	1	,143	19	,200(*)	,945	19	,329
vinculação_pai	1	,200	19	,044	,907	19	,064
vinculação_pares	1	,085	19	,200(*)	,993	19	1,000
confiança_mãe	1	,157	19	,200(*)	,927	19	,153
confiança_pai	1	,195	19	,054	,913	19	,085
confiança_pares	1	,148	19	,200(*)	,931	19	,181
comunicação_mãe	1	,174	19	,132	,959	19	,558
comunicação_pai	1	,142	19	,200(*)	,924	19	,134
comunicação_pares	1	,123	19	,200(*)	,952	19	,431
alienação_mãe	1	,148	19	,200(*)	,948	19	,361
alienação_pai	1	,136	19	,200(*)	,944	19	,314
alienação_pares	1	,119	19	,200(*)	,951	19	,409

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos de 13 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
vinculação_mãe	1	,117	25	,200(*)	,974	25	,737
vinculação_pai	1	,154	25	,127	,944	25	,185
vinculação_pares	1	,128	25	,200(*)	,967	25	,566
confiança_mãe	1	,202	25	,010	,908	25	,027
confiança_pai	1	,209	25	,006	,934	25	,105
confiança_pares	1	,130	25	,200(*)	,952	25	,273
comunicação_mãe	1	,081	25	,200(*)	,972	25	,696
comunicação_pai	1	,152	25	,142	,960	25	,410
comunicação_pares	1	,115	25	,200(*)	,939	25	,144
alienação_mãe	1	,164	25	,081	,956	25	,345
alienação_pai	1	,155	25	,122	,939	25	,141
alienação_pares	1	,123	25	,200(*)	,941	25	,153

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos filhos únicos de 14 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
vinculação_mãe	2	,125	34	,198	,932	34	,035
vinculação_pai	2	,134	34	,129	,930	34	,031
vinculação_pares	2	,130	34	,157	,972	34	,520
confiança_mãe	2	,134	34	,130	,847	34	,000
confiança_pai	2	,131	34	,148	,968	34	,404
confiança_pares	2	,071	34	,200(*)	,978	34	,706
comunicação_mãe	2	,141	34	,085	,932	34	,037
comunicação_pai	2	,116	34	,200(*)	,970	34	,461
comunicação_pares	2	,126	34	,185	,962	34	,287
alienação_mãe	2	,092	34	,200(*)	,966	34	,350
alienação_pai	2	,129	34	,167	,945	34	,088
alienação_pares	2	,124	34	,200(*)	,912	34	,010

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos de 12 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	2	,121	51	,059	,937	51	,009
vinculação_pai	2	,100	51	,200(*)	,954	51	,045
vinculação_pares	2	,072	51	,200(*)	,974	51	,311
confiança_mãe	2	,141	51	,013	,925	51	,003
confiança_pai	2	,106	51	,200(*)	,932	51	,006
confiança_pares	2	,115	51	,087	,964	51	,121
comunicação_mãe	2	,085	51	,200(*)	,955	51	,052
comunicação_pai	2	,077	51	,200(*)	,963	51	,112
comunicação_pares	2	,065	51	,200(*)	,987	51	,861
alienação_mãe	2	,105	51	,200(*)	,975	51	,345
alienação_pai	2	,096	51	,200(*)	,963	51	,115
alienação_pares	2	,096	51	,200(*)	,970	51	,217

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos de 13 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Tests of Normality

irmãos		Kolmogorov-Smirnov(a)			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
vinculação_mãe	2	,102	46	,200(*)	,963	46	,149
vinculação_pai	2	,096	46	,200(*)	,969	46	,263
vinculação_pares	2	,089	46	,200(*)	,986	46	,843
confiança_mãe	2	,121	46	,089	,953	46	,062
confiança_pai	2	,124	46	,075	,954	46	,070
confiança_pares	2	,077	46	,200(*)	,968	46	,233
comunicação_mãe	2	,095	46	,200(*)	,968	46	,235
comunicação_pai	2	,060	46	,200(*)	,982	46	,669
comunicação_pares	2	,113	46	,180	,966	46	,199
alienação_mãe	2	,097	46	,200(*)	,957	46	,085
alienação_pai	2	,124	46	,073	,960	46	,119
alienação_pares	2	,119	46	,098	,978	46	,521

* This is a lower bound of the true significance.

a Lilliefors Significance Correction

Teste de normalidade para o grupo dos irmãos de 14 anos relativamente a todas as dimensões do IPPA

Anexo E

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	vinculação_mãe	confiança_mãe	comunicação_mãe	alienação_mãe
Mann-Whitney U	3467,000	3276,500	3280,500	3130,000
Wilcoxon W	12113,000	11922,500	11926,500	4561,000
Z	-,014	-,597	-,585	-1,048
Asymp. Sig. (2-tailed)	,989	,550	,559	,295

a Grouping Variable: irmãos

Teste para a comparação das médias entre os dois grupos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	vinculação_pai	confiança_pai	alienação_pai
Mann-Whitney U	3242,000	3429,500	3395,000
Wilcoxon W	4673,000	4860,500	12041,000
Z	-,702	-,129	-,235
Asymp. Sig. (2-tailed)	,483	,898	,815

a Grouping Variable: irmãos

Teste para a comparação das médias entre os dois grupos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
comunicação_pai	Equal variances assumed	,526	,469	,007	182	,994	,0216	3,0316	-5,9599	6,0031
	Equal variances not assumed			,007	101,560	,994	,0216	2,9581	-5,8461	5,8893

Teste para a comparação de médias entre os dois grupos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	,119	,731	-1,332	182	,184	-2,9473	2,2119	-7,3115	1,4169
	Equal variances not assumed			-1,334	96,532	,185	-2,9473	2,2092	-7,3322	1,4376
comunicação_pares	Equal variances assumed	2,616	,108	-,989	182	,324	-2,9769	3,0115	-8,9189	2,9651
	Equal variances not assumed			-,927	84,774	,356	-2,9769	3,2096	-9,3588	3,4049

Teste para a comparação de médias entre os dois grupos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	confiança_pares	alienação_pares
Mann-Whitney U	3417,500	3468,500
Wilcoxon W	4848,500	4899,500
Z	-,165	-,009
Asymp. Sig. (2-tailed)	,869	,993

a Grouping Variable: irmãos

Teste para a comparação de médias entre os dois grupos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(b)

	vinculação_mãe	confiança_mãe	comunicação_mãe
Mann-Whitney U	59,500	74,500	57,000
Wilcoxon W	249,500	264,500	247,000
Z	-1,280	-,544	-1,412
Asymp. Sig. (2-tailed)	,201	,587	,158
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,205(a)	,595(a)	,172(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 12 e 13 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
alienação_mãe	Equal variances assumed	,527	,474	-,775	26	,445	-4,9464	6,3831	-18,0670	8,1742
	Equal variances not assumed			-,742	14,218	,470	-4,9464	6,6684	-19,2281	9,3353

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos filhos únicos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(b)

	vinculação_mãe	confiança_mãe	comunicação_mãe
Mann-Whitney U	61,000	67,500	59,500
Wilcoxon W	386,000	392,500	384,500
Z	-2,011	-1,760	-2,074
Asymp. Sig. (2-tailed)	,044	,078	,038
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,045(a)	,079(a)	,037(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
alienação_mãe	Equal variances assumed	,262	,612	-,779	32	,442	-4,8148	6,1824	-17,4080	7,7784
	Equal variances not assumed			-,743	13,070	,471	-4,8148	6,4785	-18,8031	9,1735

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_mãe	Equal variances assumed	,507	,480	1,204	42	,235	4,7495	3,9432	-3,2083	12,7073
	Equal variances not assumed			1,229	41,215	,226	4,7495	3,8656	-3,0560	12,5549
comunicação_mãe	Equal variances assumed	,883	,353	1,613	42	,114	7,7602	4,8112	-1,9491	17,4696
	Equal variances not assumed			1,664	41,879	,104	7,7602	4,6635	-1,6519	17,1724
alienação_mãe	Equal variances assumed	,113	,738	,028	42	,978	,1316	4,6735	-9,2999	9,5631
	Equal variances not assumed			,028	39,330	,978	,1316	4,6594	-9,2903	9,5535

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	confiança_mãe
Mann-Whitney U	158,000
Wilcoxon W	483,000
Z	-1,890
Asymp. Sig. (2-tailed)	,059

a Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(b)

	vinculação_pai
Mann-Whitney U	85,000
Wilcoxon W	130,000
Z	-,025
Asymp. Sig. (2-tailed)	,980
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	1,000(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Upper	Lower
confiança_pai	Equal variances assumed	,995	,328	,101	26	,921	,5263	5,2309	-10,2259	11,2786
	Equal variances not assumed			,092	12,960	,928	,5263	5,6957	-11,7823	12,8349
comunicação_pai	Equal variances assumed	,005	,943	,320	26	,752	2,0630	6,4469	-11,1888	15,3149
	Equal variances not assumed			,321	15,972	,752	2,0630	6,4188	-11,5461	15,6721
alienação_pai	Equal variances assumed	,297	,590	,415	26	,681	2,7534	6,6298	-10,8744	16,3812
	Equal variances not assumed			,422	16,466	,678	2,7534	6,5217	-11,0402	16,5470

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos filhos únicos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(b)

	vinculação_pai	confiança_pai
Mann-Whitney U	70,000	76,000
Wilcoxon W	395,000	401,000
Z	-1,662	-1,429
Asymp. Sig. (2-tailed)	,097	,153
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,102(a)	,163(a)

a Not corrected for ties.

b Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
comunicação_pai	Equal variances assumed	,000	,999	2,212	32	,034	14,8642	6,7202	1,1755	28,5529
	Equal variances not assumed			2,340	15,834	,033	14,8642	6,3525	1,3860	28,3424
alienação_pai	Equal variances assumed	,017	,898	-,112	32	,912	-,6852	6,1361	-13,1840	11,8136
	Equal variances not assumed			-,111	14,082	,913	-,6852	6,1604	-13,8907	12,5203

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	vinculação_pai	confiança_pai
Mann-Whitney U	193,000	164,500
Wilcoxon W	518,000	489,500
Z	-1,055	-1,736
Asymp. Sig. (2-tailed)	,291	,083

a Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
comunicação_pai	Equal variances assumed	,005	,943	2,471	42	,018	12,8012	5,1804	2,3466	23,2557
	Equal variances not assumed			2,507	40,722	,016	12,8012	5,1055	2,4882	23,1141
alienação_pai	Equal variances assumed	,290	,593	-7,701	42	,487	-3,4386	4,9069	-13,3412	6,4640
	Equal variances not assumed			-6,696	37,789	,491	-3,4386	4,9430	-13,4471	6,5699

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	,659	,424	,844	26	,406	5,1579	6,1104	-7,4022	17,7179
	Equal variances not assumed			,927	20,135	,365	5,1579	5,5616	-6,4384	16,7542
confiança_pares	Equal variances assumed	2,267	,144	,971	26	,340	7,8216	8,0548	-8,7353	24,3786
	Equal variances not assumed			1,099	21,668	,284	7,8216	7,1202	-6,9579	22,6012
comunicação_pares	Equal variances assumed	,317	,578	,045	26	,964	,4020	8,9221	-17,9376	18,7417
	Equal variances not assumed			,047	17,587	,963	,4020	8,5543	-17,6001	18,4042
alienação_pares	Equal variances assumed	2,329	,139	-4,450	26	,656	-2,9449	6,5404	-16,3889	10,4992
	Equal variances not assumed			-5,528	23,553	,602	-2,9449	5,5722	-14,4569	8,5672

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	,006	,938	,789	32	,436	3,7200	4,7156	-5,8854	13,3254
	Equal variances not assumed			,776	13,756	,451	3,7200	4,7962	-6,5840	14,0240
confiança_pares	Equal variances assumed	,362	,552	,793	32	,434	5,0111	6,3224	-7,8673	17,8895
	Equal variances not assumed			,823	15,259	,423	5,0111	6,0862	-7,9422	17,9644
comunicação_pares	Equal variances assumed	,029	,866	,762	32	,452	5,7639	7,5626	-9,6407	21,1685
	Equal variances not assumed			,741	13,480	,472	5,7639	7,7817	10,9869	22,5147
alienação_pares	Equal variances assumed	1,118	,298	,334	32	,740	2,0476	6,1236	10,4257	14,5210
	Equal variances not assumed			,404	21,560	,690	2,0476	5,0701	-8,4797	12,5749

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	1,280	,264	-,339	42	,736	-1,4379	4,2417	-9,9979	7,1221
	Equal variances not assumed			-,326	32,102	,747	-1,4379	4,4148	-10,4295	7,5537
confiança_pares	Equal variances assumed	2,193	,146	-,488	42	,628	-2,8105	5,7545	-14,4235	8,8025
	Equal variances not assumed			-,471	32,743	,641	-2,8105	5,9680	-14,9562	9,3351
comunicação_pares	Equal variances assumed	,954	,334	,848	42	,401	5,3618	6,3262	-7,4049	18,1285
	Equal variances not assumed			,828	34,978	,414	5,3618	6,4794	-7,7922	18,5159
alienação_pares	Equal variances assumed	,249	,620	,944	42	,351	4,9925	5,2909	-5,6849	15,6699
	Equal variances not assumed			,937	37,777	,355	4,9925	5,3302	-5,8001	15,7850

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos filhos únicos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_mãe	Equal variances assumed	,007	,935	,927	83	,357	2,9510	3,1843	-3,3825	9,2844
	Equal variances not assumed			,933	72,607	,354	2,9510	3,1614	-3,3502	9,2522
comunicação_mãe	Equal variances assumed	,298	,587	,861	83	,392	3,2407	3,7660	-4,2496	10,7311
	Equal variances not assumed			,846	66,535	,401	3,2407	3,8329	-4,4107	10,8922
alienação_mãe	Equal variances assumed	,086	,771	-,433	83	,666	-1,3480	3,1139	-7,5415	4,8454
	Equal variances not assumed			-,426	66,721	,672	-1,3480	3,1669	-7,6696	4,9736

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos irmãos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	confiança_mãe
Mann-Whitney U	725,500
Wilcoxon W	2051,500
Z	-1,273
Asymp. Sig. (2-tailed)	,203

a Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_mãe	Equal variances assumed	1,906	,171	1,420	78	,160	4,8274	3,3996	-1,9407	11,5954
	Equal variances not assumed			1,444	75,058	,153	4,8274	3,3438	-1,8338	11,4885
confiança_mãe	Equal variances assumed	,188	,666	1,332	78	,187	4,2903	3,2214	-2,1231	10,7037
	Equal variances not assumed			1,334	71,784	,186	4,2903	3,2149	-2,1188	10,6994
comunicação_mãe	Equal variances assumed	,007	,934	,652	78	,517	2,5433	3,9025	-5,2260	10,3127
	Equal variances not assumed			,645	68,566	,521	2,5433	3,9411	-5,3198	10,4065
alienação_mãe	Equal variances assumed	1,585	,212	-1,037	78	,303	-3,8310	3,6929	-11,1831	3,5211
	Equal variances not assumed			-1,063	76,431	,291	-3,8310	3,6032	-11,0067	3,3447

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_mãe	Equal variances assumed	1,848	,177	,610	95	,543	1,8764	3,0748	-4,2279	7,9807
	Equal variances not assumed			,608	92,100	,545	1,8764	3,0866	-4,2538	8,0066
comunicação_mãe	Equal variances assumed	,295	,588	-,207	95	,837	-,6974	3,3707	-7,3890	5,9942
	Equal variances not assumed			-,207	93,500	,837	-,6974	3,3746	-7,3982	6,0034
alienação_mãe	Equal variances assumed	3,259	,074	-,788	95	,433	-2,4829	3,1519	-8,7403	3,7744
	Equal variances not assumed			-,778	84,998	,439	-2,4829	3,1919	-8,8293	3,8634

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

Mann-Whitney Test

Test Statistics(a)

	confiança_mãe
Mann-Whitney U	1152,000
Wilcoxon W	2233,000
Z	-,152
Asymp. Sig. (2-tailed)	,879

a Grouping Variable: idade

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pai	Equal variances assumed	2,091	,152	,711	83	,479	2,2549	3,1693	-4,0486	8,5584
	Equal variances not assumed			,743	79,935	,460	2,2549	3,0358	-3,7865	8,2963
confiança_pai	Equal variances assumed	1,194	,278	1,051	83	,296	3,0392	2,8915	-2,7119	8,7904
	Equal variances not assumed			1,107	81,191	,272	3,0392	2,7457	-2,4236	8,5020
comunicação_pai	Equal variances assumed	1,012	,317	,602	83	,549	2,4510	4,0714	-5,6469	10,5489
	Equal variances not assumed			,616	76,109	,540	2,4510	3,9799	-5,4755	10,3775
alienação_pai	Equal variances assumed	,021	,885	-,097	83	,923	-,3268	3,3796	-7,0486	6,3950
	Equal variances not assumed			-,098	73,351	,922	-,3268	3,3446	-6,9921	6,3385

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pai	Equal variances assumed	5,500	,022	1,892	78	,062	6,5256	3,4497	-,3422	13,3933
	Equal variances not assumed			1,981	77,995	,051	6,5256	3,2938	-,0318	13,0830
confiança_pai	Equal variances assumed	4,637	,034	1,740	78	,086	5,5371	3,1830	-,7998	11,8739
	Equal variances not assumed			1,837	77,660	,070	5,5371	3,0147	-,4651	11,5393
comunicação_pai	Equal variances assumed	1,064	,306	,963	78	,338	4,1134	4,2708	-4,3891	12,6159
	Equal variances not assumed			,986	76,323	,327	4,1134	4,1700	-4,1914	12,4181
alienação_pai	Equal variances assumed	3,455	,067	-1,755	78	,083	-7,0865	4,0380	15,1256	-,9526
	Equal variances not assumed			-1,832	77,984	,071	-7,0865	3,8676	14,7863	-,6132

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pai	Equal variances assumed	,957	,330	1,296	95	,198	4,2707	3,2952	-2,2712	10,8126
	Equal variances not assumed			1,289	91,283	,201	4,2707	3,3121	-2,3082	10,8495
confiança_pai	Equal variances assumed	1,144	,288	,814	95	,418	2,4979	3,0693	-3,5954	8,5911
	Equal variances not assumed			,809	90,783	,421	2,4979	3,0872	-3,6347	8,6304
comunicação_pai	Equal variances assumed	,014	,907	,417	95	,678	1,6624	3,9865	-6,2519	9,5767
	Equal variances not assumed			,416	92,913	,678	1,6624	3,9960	-6,2730	9,5978
alienação_pai	Equal variances assumed	3,568	,062	-1,878	95	,063	-6,7597	3,5994	-13,9054	,3860
	Equal variances not assumed			-1,855	85,304	,067	-6,7597	3,6439	-14,0044	,4850

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	T	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	,301	,585	-,331	83	,742	-,8725	2,6367	-6,1168	4,3717
	Equal variances not assumed			-,335	73,589	,739	-,8725	2,6067	-6,0671	4,3220
confiança_pares	Equal variances assumed	,079	,779	-,428	83	,670	-1,3725	3,2052	-7,7475	5,0024
	Equal variances not assumed			-,423	67,693	,674	-1,3725	3,2469	-7,8522	5,1072
comunicação_pares	Equal variances assumed	,046	,831	-,938	83	,351	-3,4314	3,6565	-10,7040	3,8413
	Equal variances not assumed			-,934	69,820	,353	-3,4314	3,6724	-10,7560	3,8933
alienação_pares	Equal variances assumed	,178	,674	,534	83	,595	1,6457	3,0801	-4,4805	7,7718
	Equal variances not assumed			,529	68,430	,599	1,6457	3,1110	-4,5615	7,8528

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 13 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	2,745	,102	1,052	78	,296	3,4233	3,2545	-3,0559	9,9025
	Equal variances not assumed			1,106	77,906	,272	3,4233	3,0959	-2,7403	9,5868
confiança_pares	Equal variances assumed	2,680	,106	1,215	78	,228	4,9520	4,0753	-3,1613	13,0654
	Equal variances not assumed			1,267	77,955	,209	4,9520	3,9087	-2,8297	12,7338
comunicação_pares	Equal variances assumed	,976	,326	,137	78	,891	,5715	4,1754	-7,7412	8,8841
	Equal variances not assumed			,140	76,363	,889	,5715	4,0758	-7,5456	8,6885
alienação_pares	Equal variances assumed	1,244	,268	-1,827	78	,071	-6,8369	3,7412	-14,2851	,6113
	Equal variances not assumed			-1,891	77,531	,062	-6,8369	3,6158	-14,0361	,3624

Teste para a comparação de médias entre os 12 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

T-Test

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Upper	Lower
vinculação_pares	Equal variances assumed	2,068	,154	1,486	95	,140	4,2958	2,8901	-1,4418	10,0334
	Equal variances not assumed			1,465	83,146	,147	4,2958	2,9322	-1,5361	10,1277
confiança_pares	Equal variances assumed	4,816	,031	1,818	95	,072	6,3246	3,4790	-,5820	13,2312
	Equal variances not assumed			1,787	80,108	,078	6,3246	3,5398	-,7197	13,3689
comunicação_pares	Equal variances assumed	,911	,342	1,094	95	,277	4,0028	3,6587	-3,2606	11,2663
	Equal variances not assumed			1,084	87,993	,281	4,0028	3,6931	-3,3365	11,3421
alienação_pares	Equal variances assumed	2,794	,098	-2,632	95	,010	-8,4825	3,2230	-14,8811	-2,0840
	Equal variances not assumed			-2,595	83,508	,011	-8,4825	3,2688	-14,9835	-1,9815

Teste para a comparação de médias entre os 13 e os 14 anos para o grupo dos irmãos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics(b)

	vinculação_pai - vinculação_mãe	vinculação_pares - vinculação_mãe	vinculação_pares - vinculação_pai
Z	-1,304(a)	-1,486(a)	-1,068(a)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,192	,137	,285

a Based on positive ranks.

b Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a vinculação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics^b

	confiança_pai - confiança_mãe	confiança_pares - confiança_mãe
Z	-,085(a)	-,981(a)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,933	,326

a. Based on positive ranks.

b. Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a confiança às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

T-Test

Paired Samples Test

	Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
				Upper	Lower			
Pair 1 confiança_pai - confiança_pares	6,3889	20,9952	6,9984	-9,7495	22,5272	,913	8	,388

Teste para a comparação de médias entre a confiança às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics^b

	comunica ção_pai - comunica ção_mãe	comunicaç ão_pares - comunicaç ão_mãe
Z	-1,069 ^a	-1,718 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,285	,086

a. Based on positive ranks.

b. Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a comunicação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

T-Test

Paired Samples Test

	Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
				Upper	Lower			
Pair 1 comunicação_pai - comunicação_pares	11,4198	23,7425	7,9142	-6,8304	29,6699	1,443	8	,187

Teste para a comparação de médias entre a comunicação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

T-Test

Paired Samples Test

	Paired Differences					t	Df	Sig. (2-tailed)
	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
				Upper	Lower			
Pair 1 alienação_mãe - alienação_pai	-8,7963	21,2913	7,0971	-25,1622	7,5696	-1,239	8	,250
Pair 2 alienação_mãe - alienação_pares	-18,3862	19,6619	6,5540	-33,4997	-3,2728	-2,805	8	,023
Pair 3 alienação_pai - alienação_pares	-9,5899	15,5203	5,1734	-21,5199	2,3400	-1,854	8	,101

Teste para a comparação de médias entre a allienação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 12 anos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics(b)

	vinculação_pai - vinculação_mãe	vinculação_pares - vinculação_pai
Z	-1,351(a)	-2,795(a)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,177	,005

a Based on positive ranks.

b Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a vinculação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences					T	Df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper	Lower			
Pair 1	vinculação_mãe - vinculação_pares	13,9474	19,7835	4,5386	4,4120	23,4827	3,073	18	,007

Teste para a comparação de médias entre a vinculação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper	Lower			
Pair 1	confiança_mãe - confiança_pai	1,8421	10,6341	2,4396	-3,2834	6,9676	,755	18	,460
Pair 2	confiança_mãe - confiança_pares	15,5263	25,1603	5,7722	3,3994	27,6532	2,690	18	,015
Pair 3	confiança_pai - confiança_pares	13,6842	19,7091	4,5216	4,1847	23,1837	3,026	18	,007

Teste para a comparação de médias entre confiança às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences					t	Df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper	Lower			
Pair 1	comunicação_mãe - comunicação_pai	3,0702	11,4116	2,6180	-2,4301	8,5704	1,173	18	,256
Pair 2	comunicação_mãe - comunicação_pares	12,8289	23,7465	5,4478	1,3835	24,2744	2,355	18	,030
Pair 3	comunicação_pai - comunicação_pares	9,7588	22,3325	5,1234	-1,0052	20,5227	1,905	18	,073

Teste para a comparação de médias entre a comunicação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper	Lower			
Pair 1	alienação_mãe - alienação_pai	-1,0965	13,6678	3,1356	-7,6842	5,4912	-,350	18	,731
Pair 2	alienação_mãe - alienação_pares	-16,3847	16,7119	3,8340	-24,4396	-8,3298	-4,274	18	,000
Pair 3	alienação_pai - alienação_pares	-15,2882	20,0996	4,6112	-24,9759	-5,6005	-3,315	18	,004

Teste para a comparação de médias entre a alienação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences				t	Df	Sig. (2-tailed)	
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper				Lower
Pair 1	vinculação_mãe - vinculação_pai	4,1600	11,1530	2,2306	-,4437	8,7637	1,865	24	,074
Pair 2	vinculação_mãe - vinculação_pares	7,7600	17,3500	3,4700	,5983	14,9217	2,236	24	,035
Pair 3	vinculação_pai - vinculação_pares	3,6000	16,2942	3,2588	-3,1259	10,3259	1,105	24	,280

Teste para a comparação de médias entre a vinculação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 14 anos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics(b)

	confiança_pai - confiança_mãe	confiança_pares - confiança_mãe	confiança_pares - confiança_pai
Z	-,787(a)	-1,985(a)	-,852(a)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,431	,047	,394

a Based on positive ranks.

b Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a confiança às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 14 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences							
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference		t	df	Sig. (2-tailed)
					Upper	Lower			
Pair 1	comunicação_mãe - comunicação_pai	8,1111	15,8341	3,1668	1,5751	14,6471	2,561	24	,017
Pair 2	comunicação_mãe - comunicação_pares	10,4306	25,6160	5,1232	-,1432	21,0043	2,036	24	,053
Pair 3	comunicação_pai - comunicação_pares	2,3194	24,5265	4,9053	-7,8046	12,4435	,473	24	,641

Teste para a comparação de médias entre a comunicação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 14 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences							
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference		t	Df	Sig. (2-tailed)
					Upper	Lower			
Pair 1	alienação_mãe - alienação_pai	-4,6667	17,6498	3,5300	-11,9522	2,6188	-1,322	24	,199
Pair 2	alienação_mãe - alienação_pares	-11,5238	19,4669	3,8934	-19,5593	-3,4883	-2,960	24	,007
Pair 3	alienação_pai - alienação_pares	-6,8571	17,5125	3,5025	-14,0859	,3717	-1,958	24	,062

Teste para a comparação de médias entre a alienação às várias figuras para o grupo dos filhos únicos aos 14 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences				t	df	Sig. (2-tailed)	
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper				Lower
Pair 1	vinculação_mãe - vinculação_pai	1,3235	12,4236	2,1306	-3,0113	5,6583	,621	33	,539
Pair 2	vinculação_mãe - vinculação_pares	9,8824	15,1573	2,5995	4,5937	15,1710	3,802	33	,001
Pair 3	vinculação_pai - vinculação_pares	8,5588	12,8634	2,2060	4,0706	13,0471	3,880	33	,000
Pair 4	confiança_mãe - confiança_pai	,2206	13,8904	2,3822	-4,6260	5,0672	,093	33	,927
Pair 5	confiança_mãe - confiança_pares	9,3382	19,1318	3,2811	2,6628	16,0136	2,846	33	,008
Pair 6	confiança_pai - confiança_pares	9,1176	16,3054	2,7963	3,4284	14,8069	3,261	33	,003
Pair 7	comunicação_mãe - comunicação_pai	4,1667	14,2831	2,4495	-,8170	9,1503	1,701	33	,098
Pair 8	comunicação_mãe - comunicação_pares	11,2337	21,8827	3,7529	3,5984	18,8689	2,993	33	,005
Pair 9	comunicação_pai - comunicação_pares	7,0670	19,4262	3,3316	,2889	13,8451	2,121	33	,042
Pair 10	alienação_mãe - alienação_pai	-,3676	14,6281	2,5087	-5,4716	4,7363	-,147	33	,884
Pair 11	alienação_mãe - alienação_pares	-12,2374	17,3430	2,9743	-18,2887	-6,1861	-4,114	33	,000
Pair 12	alienação_pai - alienação_pares	-11,8697	17,1743	2,9454	-17,8621	-5,8774	-4,030	33	,000

Teste para a comparação de médias entre as dimensões às várias figuras para o grupo dos irmãos aos 12 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences				t	df	Sig. (2-tailed)	
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper				Lower
Pair 1	vinculação_mãe - vinculação_pai	,6275	10,7163	1,5006	-2,3865	3,6415	,418	50	,678
Pair 2	vinculação_mãe - vinculação_pares	6,0588	16,9958	2,3799	1,2787	10,8390	2,546	50	,014
Pair 3	vinculação_pai - vinculação_pares	5,4314	16,4393	2,3020	,8077	10,0550	2,359	50	,022
Pair 4	confiança_pai - confiança_pares	4,7059	18,1635	2,5434	-,4027	9,8144	1,850	50	,070
Pair 5	comunicação_mãe - comunicação_pai	3,3769	14,5860	2,0424	-,7255	7,4793	1,653	50	,105
Pair 6	comunicação_mãe - comunicação_pares	4,5615	22,2772	3,1194	-1,7040	10,8271	1,462	50	,150
Pair 7	comunicação_pai - comunicação_pares	1,1846	24,5958	3,4441	-5,7330	8,1023	,344	50	,732
Pair 8	alienação_mãe - alienação_pai	,6536	12,4826	1,7479	-2,8572	4,1644	,374	50	,710
Pair 9	alienação_mãe - alienação_pares	-9,2437	18,3466	2,5690	-14,4038	-4,0836	-3,598	50	,001
Pair 10	alienação_pai - alienação_pares	-9,8973	21,3839	2,9943	-15,9116	-3,8830	-3,305	50	,002

Teste para a comparação de médias entre as dimensões às várias figuras para o grupo dos irmãos aos 13 anos

Wilcoxon Signed Ranks Test

Test Statistics(c)

	confiança_pai - confiança_mãe	confiança_pares - confiança_mãe
Z	-,182(a)	-1,833(b)
Asymp. Sig. (2-tailed)	,856	,067

a Based on negative ranks.

b Based on positive ranks.

c Wilcoxon Signed Ranks Test

Teste para a comparação de médias entre a confiança às várias figuras para o grupo dos irmãos aos 13 anos

T-Test

Paired Samples Test

		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Upper	Lower			
Pair 1	vinculação_mãe - vinculação_pai	3,0217	11,1245	1,6402	-,2818	6,3253	1,842	45	,072
Pair 2	vinculação_mãe - vinculação_pares	8,4783	17,1292	2,5256	3,3915	13,5650	3,357	45	,002
Pair 3	vinculação_pai - vinculação_pares	5,4565	16,5901	2,4461	,5299	10,3832	2,231	45	,031
Pair 4	confiança_mãe - confiança_pai	1,4674	11,5539	1,7035	-1,9637	4,8985	,861	45	,394
Pair 5	confiança_mãe - confiança_pares	10,0000	18,4692	2,7231	4,5153	15,4847	3,672	45	,001
Pair 6	confiança_pai - confiança_pares	8,5326	18,3982	2,7127	3,0690	13,9962	3,145	45	,003
Pair 7	comunicação_mãe - comunicação_pai	5,7367	17,2571	2,5444	,6120	10,8614	2,255	45	,029
Pair 8	comunicação_mãe - comunicação_pares	9,2618	21,6348	3,1899	2,8370	15,6865	2,903	45	,006
Pair 9	comunicação_pai - comunicação_pares	3,5251	23,4282	3,4543	-3,4322	10,4824	1,020	45	,313
Pair 10	alienação_mãe - alienação_pai	-3,6232	15,4062	2,2715	-8,1983	,9519	-1,595	45	,118
Pair 11	alienação_mãe - alienação_pares	-15,2433	20,4269	3,0118	-21,3093	-9,1772	-5,061	45	,000
Pair 12	alienação_pai - alienação_pares	-11,6201	20,2796	2,9901	-17,6424	-5,5978	-3,886	45	,000

Teste para a comparação de médias entre as dimensões às várias figuras para o grupo dos irmãos aos 14 anos

Manual de Estilo e Peças Instrutórias

Anexo IV - RG0040/08

NOME: Pedro Alexandre Guedes Peralta

Nº ALUNO: 12145

CURSO: Ciclo de Estudos Integrado Conducente ao Grau de Mestre em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Clínica

ANO LECTIVO: 2007/2008

ORIENTADOR: Professor Doutora Ângela Vila-Real

DATA: 21 de Janeiro de 2009

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A influência da relação fraterna na vinculação aos pais e pares em rapazes pré-adolescentes

RESUMO

O presente trabalho de investigação visa avaliar a influência de ser filho único ou de ser irmão na vinculação às figuras parentais e aos pares em rapazes pré-adolescentes. Partindo da teoria da vinculação de Bowlby realizámos um estudo comparativo, de metodologia quantitativa, para o qual foram constituídos dois grupos de pré-adolescentes entre os 12 e os 14 anos: o grupo dos filhos únicos com 53 sujeitos e o grupo dos rapazes irmãos, com 131 sujeitos. Para testar as hipóteses colocadas, foi utilizado o IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) de Armsden e Greenberg (1987), numa versão adaptada para português. A amostra foi recolhida em duas escolas do concelho de Sintra. Os resultados obtidos não permitiram confirmar as hipóteses colocadas, mas constatámos que o processo de individuação em relação aos pais acontece de forma divergente entre o grupo dos filhos únicos e o grupo dos rapazes com irmãos.

Palavras-chave: vinculação, pré-adolescência, irmãos, segundo processo de individuação

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: The influence of the sibling relationship in the attachment to parents and peers in early adolescent boys

ABSTRACT

The present investigation work aims to evaluate the influence of being an only child or to have siblings in the attachment to the parental figures and the peers of early adolescent boys. Starting on the theory of Bowlby about attachment, we carried through a comparative study, of quantitative methodology, for which two groups of early adolescents between 12 and 14 years old had been constituted: the group of the only children with 53 subjects and the group of youngsters with siblings with 131 subjects. To test the hypotheses placed, was used the IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment) of Armsden and Greenberg (1987), in a portuguese adapted version. The sample was collected in two schools in Sintra. The achieved results didn't allowed to confirm the placed hypotheses, but we evidenced that the process of individuation in relation to parents happens in a different way between the group of only children and the group of youngsters with siblings.

Key- Words: attachment, early adolescence, siblings, second individuation process